

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - LICENCIATURA
DEPARTAMENTO DE ARTES

DESENHAR:

ENSAIOS PARA IMAGINAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

BEATRIZ BARROS LIMA DO NASCIMENTO

RECIFE, 2025

DESENHAR:

ENSAIOS PARA IMAGINAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais apresentado como avaliação da disciplina trabalho de conclusão de curso (2024.2) como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Artes visuais

Discente: Beatriz Barros Lima do Nascimento

Docente: Eduardo Romero Lopes Barbosa

RECIFE, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, Beatriz Barros Lima do.

Desenhar: ensaios para imaginação da experiência / Beatriz Barros Lima do Nascimento. - Recife, 2025.

95 p. : il.

Orientador(a): Eduardo Romero Lopes Barbosa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Desenho. 2. Experiência. 3. Imaginação. 4. Natureza. I. Barbosa, Eduardo Romero Lopes. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

Beatriz Barros Lima do Nascimento

Desenhar: ensaios para imaginação da experiência

TCC apresentado ao Curso de Artes Visuais da
Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para
a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Aprovado em: 14 de abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa
(Orientador)

Profº. Dr. Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti
(Examinadora Interna)

Profº. Dr. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral
(Examinadora Interna)

resumo

Nem sempre um desenho começa pelo começo. O desenho sempre será um ponto de interrogação. Aqui, não estou interessada em oferecer respostas, mas em fazer perguntas. Com o objetivo de cartografar minhas produções de desenho realizadas entre 2024 e 2025, compartilho 26 exercícios de desenho que exploram o caráter poético e as características imagéticas dos elementos da natureza como ferramentas de inspiração para expandir suas potencialidades gráficas e expressivas. Com isso, revelo possibilidades práticas, reflexivas e críticas sobre as relações entre Arte e Vida, propondo estratégias para reformular o pensamento sobre o que pode ser o desenho. A pesquisa estrutura-se em duas variáveis: (x) o conteúdo temático (elementos da natureza) e (y) três variações técnicas no desenho (motora, espacial e material). Considerando a arte como um organismo vivo e o desenho como um lugar para habitar, cultivo, neste trabalho, um ensaio para a imaginação da experiência. Mais do que um interesse técnico e estético, esta pesquisa carrega uma esperança — talvez ingênua, mas profunda — de que, assumindo o desenho como campo de investigação e, por meio de uma abordagem interdisciplinar, possamos nos reconectar com nossa natureza humana e criativa e, assim, construir uma vida mais significativa e melhor. Para ser fiel a essa esperança, conto minha história, demonstrando como minhas experiências de vida influenciam meus processos criativos. Desenhar é o que me transforma, e desejo que isso seja transformador para você e para outras pessoas também.

.desenho
.natureza
.experiência
.imaginação

rèsumé

Un dessin ne commence pas toujours par le début. Le dessin sera toujours un point d'interrogation. Ici, je ne suis pas intéressée à offrir des réponses, mais à poser des questions. Dans le but de cartographier mes productions de dessin réalisées entre 2024 et 2025, Je partage 26 des exercices qui explorent le caractère poétique et les caractéristiques imagétiques des éléments de la nature comme outils d'inspiration pour élargir leurs potentialités graphiques et expressives. Avec cela, je révèle des possibilités pratiques, réfléchies et critiques sur les relations entre l'art et la vie, en proposant des stratégies pour reformuler la pensée sur ce que pourrait être le dessin. La recherche est structurée en deux variables : (x) le contenu thématique (éléments de la nature) et (y) trois variations techniques dans le dessin (moteur, spatial et matériel). Considérant l'art comme un organisme vivant et le dessin comme un lieu d'habitation, je cultive dans ce travail une expérimentation pour l'imagination de l'expérience. Plus qu'un intérêt technique et esthétique, cette recherche porte un espoir - peut-être naïf, mais profond - que, en prenant le dessin comme champ de recherche et par une approche interdisciplinaire, nous puissions nous reconnecter avec notre nature humaine et créative, ainsi, construire une vie plus significative. Pour être fidèle à cet espoir, je raconte mon histoire en montrant comment mes expériences de vie influencent mes processus créatifs. Le dessin est ce qui me transforme, et je souhaite que cela soit transformateur pour vous et les autres aussi.

.dessin
.nature
.expérience
.imagination



1. Raízes
2. Natureza
 - 2.1 *Bioma: a natureza da experiência*
 - 2.2 *Preservação: a natureza da linguagem*
 - 2.3 *Fauna e Flora: a natureza dos saberes*
 - 2.4 *Solos férteis: a natureza da imaginação*
 - 2.5 *Ecosistema: a natureza da criação*
3. Habitat
 - 3.1 *Biodiversidade*
 - 3.2 *Rizomas*
4. Recursos energéticos
 - 4.1 *Coisário: lugar de guardar coisas*
 - 4.2 *Hábitos que mudam*
 - 4.3 *Mecanismos de sobrevivência*
5. Nutrientes



Nossa terra que a gente anda
sempre junto pelo mundo, sonhando alto,
com o coração no céu e os pés no chão,
sendo gigantes, mais fortes que diamantes,
de corpo e alma
Entre tantas coisas, você me ensinou
a curiar o mundo, e assim
me sinto imensa.
Obrigada por tanto, Pedro, meu irmão.



A minha família:
minha mãe, Haydij, meu pai, Edson,
meu irmão, Pedro,
minha irmã, Isabel,
e meu companheiro felino, Simba.

1. RAÍZES

Gostaria de iniciar este trabalho construindo uma geometria íntima sobre minha relação com o desenho e minhas experiências de vida, fazendo alguns parênteses sobre esse percurso e, posteriormente, expandindo esse contexto na experiência criativa.

Dizem que minha família só tem artistas. Digo isso porque meu pai, Edson, é um ótimo pintor e um excelente desenhista; minha mãe, Haydyl, é florista, decoradora e uma cantora maravilhosa; minha irmã, Isabel, é violinista e toca muitos outros instrumentos; e meu irmão, Pedro, também é muito talentoso com a música e o desenho. Acredito que a arte cresceu comigo por esse motivo, são minhas *raízes*.

Minha relação com o desenho nasceu quando eu ainda era criança. Minha mãe dizia que eu não podia riscar as paredes, então meu primeiro papel de desenho foi um armário de madeira (Figura 1). Minha relação com a arte floresceu durante a infância, e nesse período produzi grandes “obras de arte” (Figura 2).



figura 01



figura 02

figura 01.
“eu e meu armário de madeira”

figura 02.
“eu e minha professora de artes, Livia, ao lado da minha obra titulada como ‘mamãe na praia’”

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024

No entanto, à medida que eu envelhecia, minha conexão com o desenho foi se enfraquecendo. O desenho não desapareceu completamente, mas acabou ficando em segundo plano na minha vida. Quando descobri que, aos 16 anos, deveria definir quem eu seria no futuro, entendi que o desenho não poderia fazer parte dessa escolha, por diversos motivos...

Por outro ângulo, na escola, eu sentia atração por diversas áreas do conhecimento, e várias disciplinas me interessavam, como biologia, matemática, física, geografia, química, literatura e filosofia, entre outras. Um dos meus melhores passatempos eram as revistinhas de colorir e as histórias em quadrinhos, que foram grandes companheiras (Figura 3).



figura 03

figura 03.
minha companheira
revistinha

Assim, em confronto com os deveres da vida adulta, decidi que eu deveria estar em contato com a ciência. Eu finalizei meu último ano do ensino médio em 2016, aos 17 anos, e depois de prestar o vestibular, iniciei no ano de 2017, a graduação em Engenharia de Energias Renováveis, na Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Nes-

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024

se processo, tive muitos afetos e antipatias com as disciplinas de cálculo e de meio ambiente, e nos meus estudos, considero que a escrita e o desenho foram grandes aliados para o desenvolvimento das minhas aprendizagens.

Desenhar me permite derivar informações seja dividindo conceitos complexos em mais simples (na visualização de uma hipótese), subtraindo seus volumes, esquematizando-os visualmente, multiplicando perspectivas, adicionando padrões, sistemas, estruturando ideias (delineando o pensamento). Dessa forma, o desenho para mim funciona como uma bússola que me orienta a analisar e organizar meus pensamentos, seja no plano mental ou no papel.

Usualmente podemos considerar o desenho a partir de várias funções (Da silva apud Sausmarez, 1986), uso todas elas. Veja o esquema abaixo:

5 FUNÇÕES

1. PROCESSUAL - NA VISUALIZAÇÃO DE UMA HIPÓTESE

2. DESCRITIVA - OBSERVAÇÃO DE OBJETOS E FATOS DO ENTORNO

3. CRIATIVA - ELABORAÇÃO DE FORMAS E SITUAÇÕES IMAGINÁRIAS

4. DELINEADORA DO PENSAMENTO - ESQUEMAS, DIAGRAMAS E OUTRAS REPRESENTAÇÕES DE SÍNTESE

5. FUNÇÃO EXPRESSIVA - O DESENHO MAIS DO QUE UM MÉTODO:
UMA ATITUDE DE ESPÍRITO, UMA CURIOSIDADE
CONSTANTE PELOS FENÔMENOS E POSSIBILIDADES
MATERIAIS EXPRESSIVOS.

Durante os dois anos que cursei engenharia, tomei muitas direções, procurei rotas, e me perdi muito no caminho. Entrei em conflito entre ser quem eu era e o que as pessoas queriam que eu fosse. **Ponto final.** Seria muito conveniente insistir no quadrado, nas linhas retas, na superfície sem vida. Desde que fui atravessada por um desejo íntimo, tomei gosto pelo “destino” e vinculei minha vida a um propósito profundo, à uma finalidade de ação: viver pela arte. Senti que minha vida carecia de vida, de sustança, e desde então, não larguei de mim. Fui ganhando centímetros de altura, e me tornando "gente grande", e aos meus plenos vinte anos, fui muitas bias, mas nunca deixei de ser criança.

Era um domingo de maio de 2019. Eu estava sozinha, sentada na beira da calçada de uma das ruas mais belas do mundo: a Rua do Bom Jesus, em Recife-PE. À minha frente, havia uma multidão, um boneco gigante, sons por todos os lados—uma festa invade qualquer coração. Foi nesse momento que entendi que, quando voltasse para esse lugar, seria para ficar. E assim fiz: fui para casa, decidi largar tudo e seguir meu caminho. No mesmo ano, prestei um novo vestibular, fui aprovada e, então, me tornei graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco. **Aqui, marco um recomeço.**

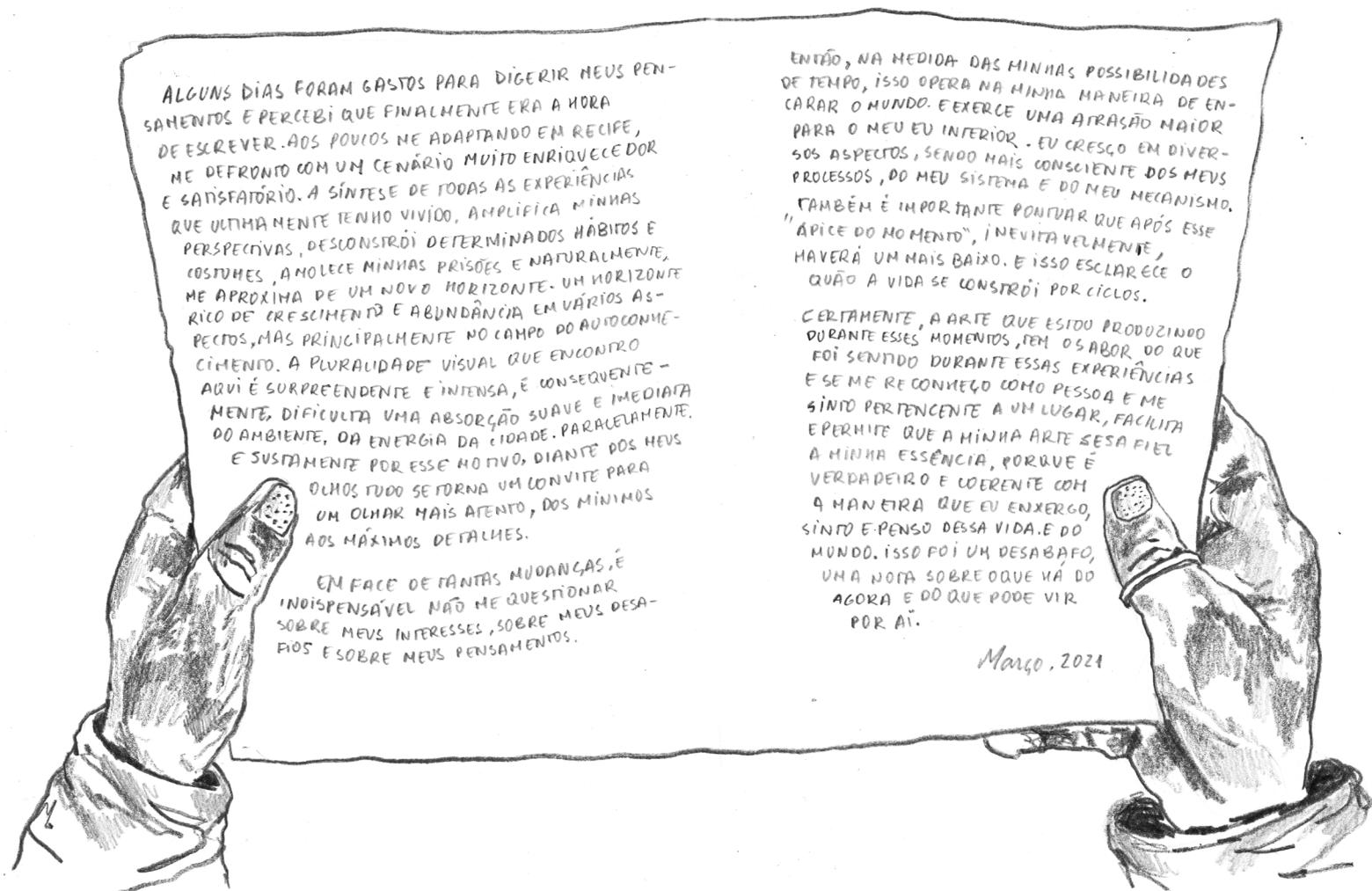
Em 2020, estava marcado: eu sairia da minha cidade natal, Maceió-AL, para morar na capital pernambucana, Recife, que, até então, era a única fronteira que havia cruzado em minhas duas décadas de vida. Eu não tinha meia dúzia de amigos, não conhecia metade da cidade—tinha apenas um sonho. Mas, assim como no desenho, há muitos gestos que não são planejados, e, com o tempo, veio a pandemia, o pesadelo. Convenhamos, o cenário mundial não era dos melhores, e prefiro me esquivar das lembranças desses densos dias. Apagarei discussões sobre minha saúde mental nesse período, mas sublinho que foi uma fase crítica de estresse e ansiedade. Adiei minha mudança e permaneci em Maceió, entre a incerteza e a esperança de um dia voltar para Recife.

Encarando tantas limitações, pensei: "Estou presa entre as paredes da minha casa, por tempo indeterminado, com risco de morte—não só minha, mas também de meus familiares e de grande parte da população—e a única certeza que tenho é que, enquanto viver, fazer arte será minha forma de resistência". Sendo assim, o que poderia ser uma prisão tornou-se liberdade—não entre as ruas da cidade, mas nos castelos dos sonhos no desenho. Nota: Resalto, com essas palavras, que não desejo romantizar a catástrofe nem minimizar a imensa tristeza das tantas perdas que tivemos na pandemia. Apenas exponho minha estratégia de fuga para enfrentar esse desafio. Além disso, destaco que o desenho não é uma salvação, mas pode ser uma fortaleza.

Nessa época, conversando com um amigo artista pernambucano, Caio Neiva, ele me indicou um perfil no Instagram de um artista e arte-educador do Espírito Santo, Luciano Feijão, que trabalhava e ensinava o uso de objetos ordinários como ferramentas de criação no desenho. Tais materiais incluíam, por exemplo, pente de cabelo, escova de dente e esponja de lavar louça.

Daí então, me suscitou a curiosidade de explorar os materiais alternativos, e o desenho, que estava em segundo plano em minha vida, passou a ter seu devido protagonismo, encontrei um impulso na novidade e passei longos meses investigando e produzindo desenhos. Com isso, descobri várias possibilidades de criação e fui me reconhecendo no estilo e no conteúdo que produzia.

Após o período pandêmico, em 2021, meu endereço mudou, e agora eu vivia em Recife, graduando em licenciatura em artes visuais. Anotação que escrevi nos primeiros meses morando em Recife, em março de 2021:



Entre 2021 e 2022, cursando artes visuais, meu objetivo com o desenho estava restrito à minha individualidade, eu acreditei, até certo ponto, que eu deveria me manter somente a essa condição. No início da minha morada, fiz um bazar com obras produzidas por mim e meu amigo Caio Neiva (no qual mencionei anteriormente). Uma colecionadora de arte nos visitou e comprou um desenho meu, e conversando ela me perguntou "o que eu fazia". Respondi que recentemente havia me mudado, que era estudante de artes, e que futuramente, me tornaria arte-educadora. Então ela me disse: "*Quer um conselho? Se quiser ser artista, não seja professora*". **Pausa.** Até então, somente registrei essas palavras na cabeça e segui a vida. Com o passar dos anos, me aprofundando nos estudos de arte e de educação, essas palavras tinham um certo magnetismo, e eu me questionava, será?

Diante dessa energia, em 2022, decidi fazer um desvio dos meus objetivos, me distanciei da produção do desenho e explorei outras rotas, sendo elas:

primeira rota

Entre no projeto de extensão de fotografia, "Metamorfoses Sensíveis da Passagem", em junção com o Grupo de Pesquisa Symbolismum - Estudos sobre Imaginário e Complexidade, sob coordenação do docente e artista, Eduardo Romero. Explorei a linguagem da fotografia, aprendi alguns processos históricos de impressão e revelação fotográfica como a cianotipia, o caffenol e a goma bicromatada, além de noções básicas para o uso de máquinas fotográficas digitais;



segunda rota

Na segunda rota, me apaixonei pela gravura. Finalizei minha participação no projeto de extensão de fotografia e direcionei minhas experimentações para o projeto de extensão "Arte e Tecnologia: uma Experiência de Expansão na Gravura", coordenado pela docente e artista Ana Lisboa.



Durante esse projeto, em constante convivência no ateliê, produzi um livro com meu querido amigo e artista João Campos: "SERES: Preparando o Solo", um caderno de artista que reúne 15 gravuras, entre elas monotipias, calcogravuras e gravuras em relevo, além de poesias de nossa autoria.

Sobre o livro, o resumo:

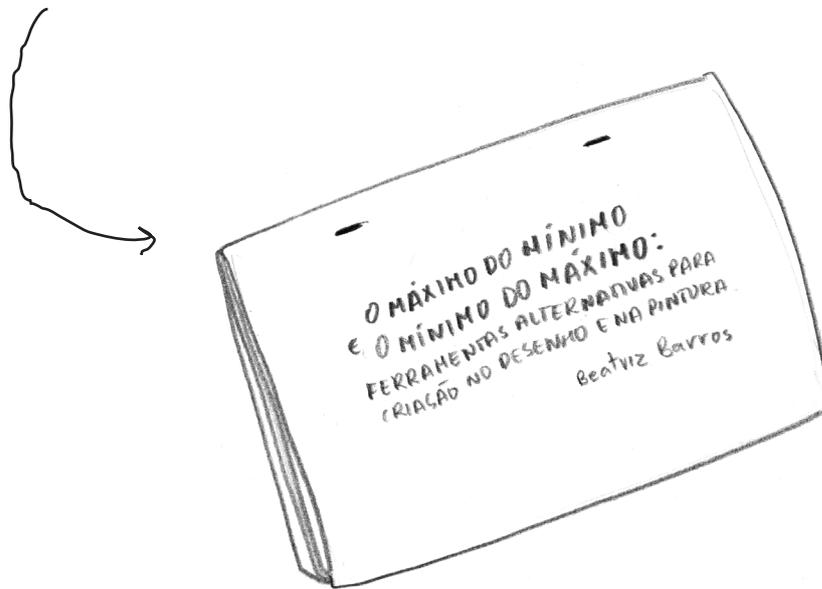
*SERES REMONTA E SEMEIA ORIGENS
QUE SE MANIFESTAM NOS DETALHES E NOS
ACASOS DA GRAVURA. PROVOCA A VISÃO PARA
SE AVENTURAR PELAS IMAGENS, POR NOVAS
PERCEPÇÕES, CULTIVANDO A SENSIBILIDADE
E O GESTO CRIATIVO. ELE ACOLHE O MISTÉRIO E
A MATÉRIA COMO SUBSTÂNCIA DE MUNDOS E
CONSERVA UMA VIDA ENTRE SERES QUE NUNCA
PARAM DE DESABROCHAR, ALERTA QUE NO IMAGINÁRIO,
NÃO HÁ FRONTEIRAS.*

(Barros, Campos, 2022, p.02)



terceira rota

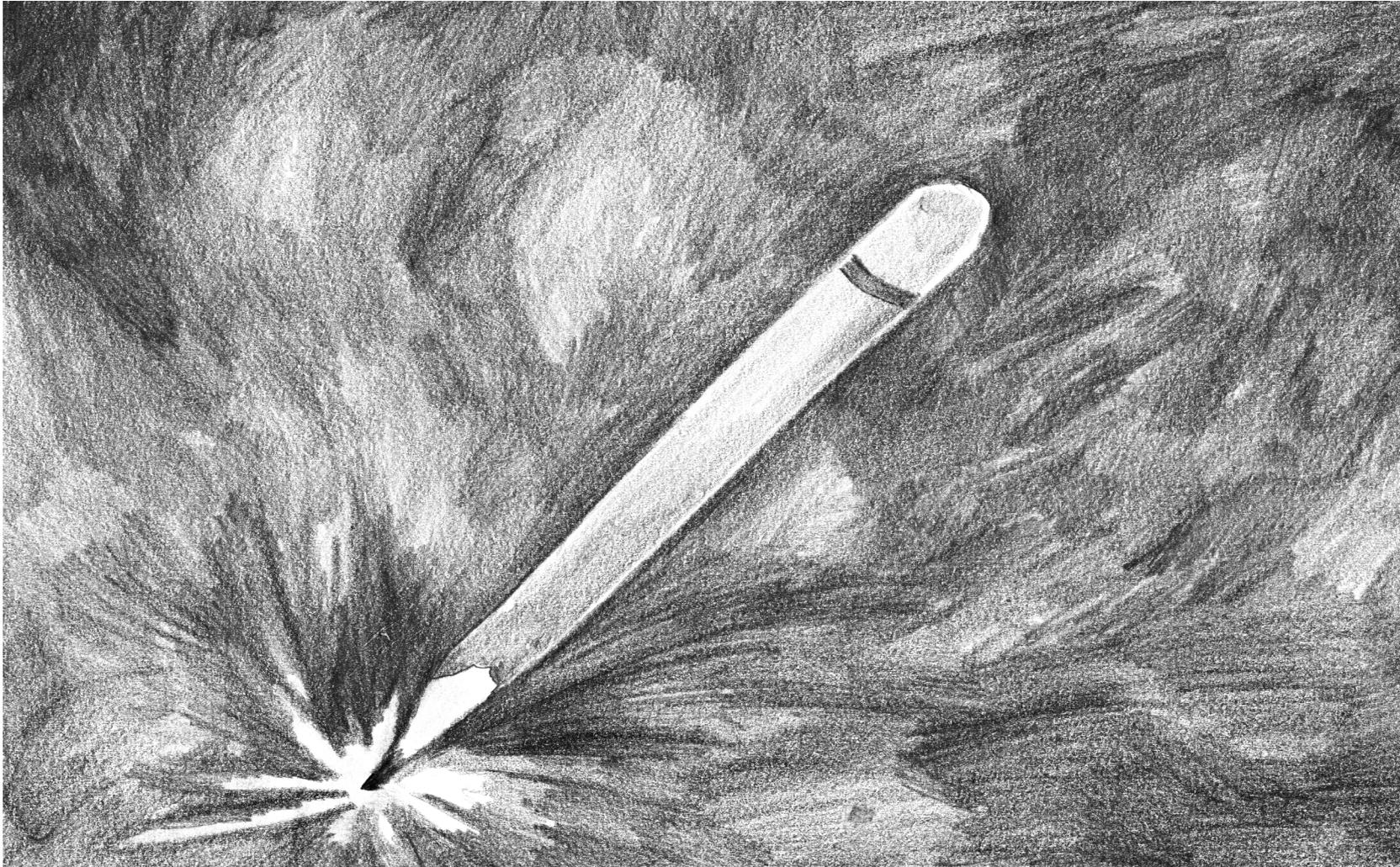
Ao mesmo tempo em que produzia gravuras, iniciei minha primeira pesquisa acadêmica, no Programa institucional de bolsas de iniciação científica - PIBIC, que titulei como "*O máximo do mínimo e o mínimo do máximo: ferramentas alternativas para criação no desenho e na pintura*", com orientação do docente Eduardo Romero. Nessa pesquisa, construí um inventário teórico-prático, manuscrito, que registra as minhas investigações sobre o uso de materiais não convencionais como ferramentas de criação no desenho e na pintura, avaliando sua materialidade, funcionalidade, aplicabilidade técnica e potencialidade na expressão criadora.



Até o fim de 2022, ampliei meus aprendizados para além da linguagem do desenho, mas entrei em crise. Finalizei minha pesquisa, rompi meus vínculos com projetos de extensão e criei uma barreira entre a arte que eu produzia e a educação. Subtraí a prática do desenho e passei mais de um ano desenhando apenas por obrigação.

Nesse ponto, eu sabia mais sobre outras linguagens além do desenho. Busquei inúmeras fórmulas e estra-

tégias para resgatar minha relação com ele, mas nessa tentativa de reaproximação, sentia atrito e repulsão. Com as atividades práticas adormecidas, fiz amizade com muitos livros, meu hábito de leitura se multiplicou e, por conta disso, minha versão pesquisadora e educadora ganhou mais relevo. Em contrapartida, 2023 foi um ano de muitos lutos em minha vida e, talvez por isso, eu não quisesse olhar para o desenho—porque olhar para ele é olhar para mim.



O tempo foi passando, e me vi diante de outro espelho.

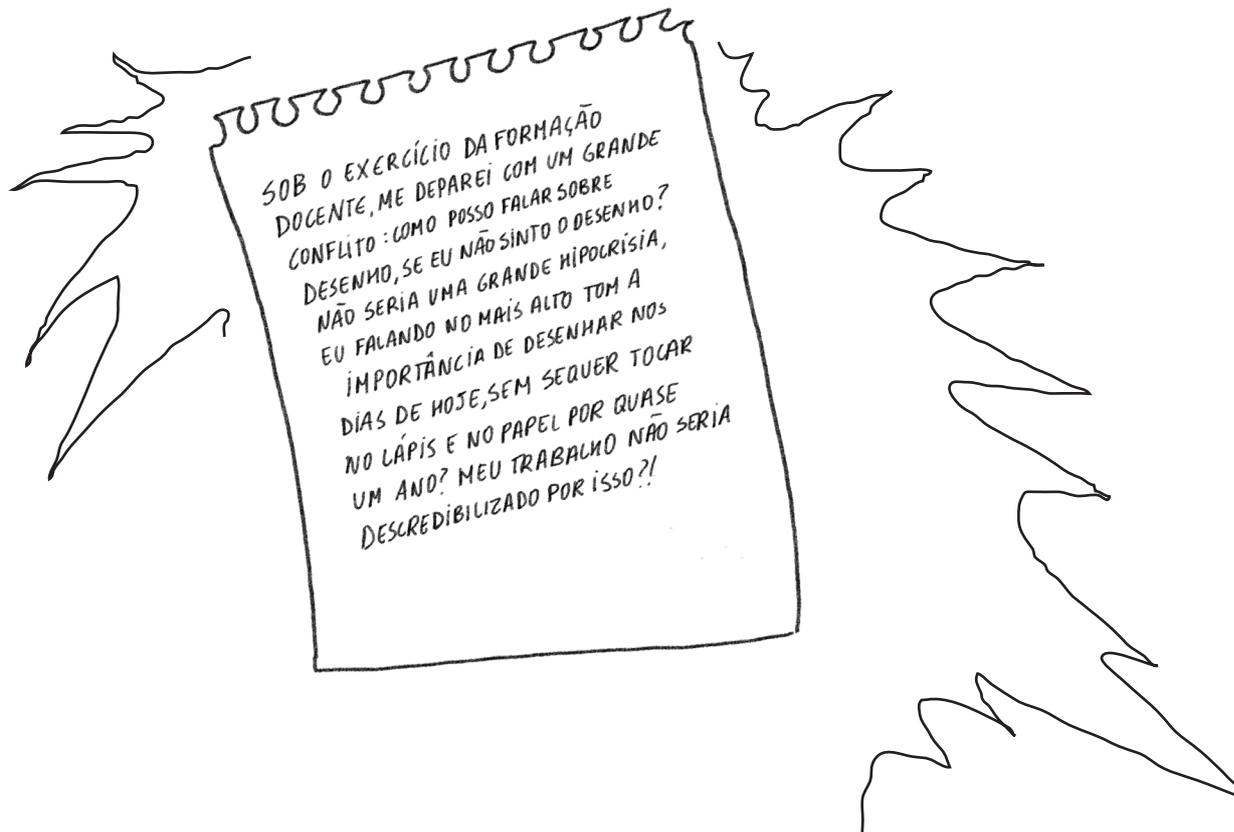
Sonhando à beira de um lago, consagrei minha imaginação à água—à água doce, morna e dormente de Apipucos. Por quase dois anos, no trajeto para a universidade, atravessei um açude em Apipucos, Recife.

A imagem contemplada tantas vezes ao longo dessas travessias me inundou com fontes de desejo. Passei pelas primeiras horas da manhã, quando aquela pele fina de água, dormente, que bastava um fio de vento, e ela se arrepiava. Passei pelos pores do sol, com nuvens flutuando sobre as águas. Passei pelas horas tardias da noite, onde vi as densas sombras do luar. Vi tudo isso e mergulhei em um devaneio profundo.

Em 2023, li pela primeira vez o livro *A Água e os Sonhos*, do filósofo francês Gaston Bachelard. Depois dessa leitura, nunca mais vi a água da mesma forma.

Nesse mesmo ano, anotei o insight de um projeto em um papelzinho e o guardei dentro do livro *O Guardador de Águas*, de Manoel de Barros. Ali, ele adormeceu e foi ignorado por quase um ano—até que, depois de longos meses, eu o reencontrei em 2024.

Até esse momento, o desenho em minha vida estava no breu —nublado, quase apagado. Nessa época, escrevi:



Com uma sobreposição maior do meu interesse na arte-educação, meu projeto de regência para disciplina de estágio 03, ministrada pela docente Renata Wilner, foi o Minicurso Habitat: Desenho. O minicurso foi realizado pela Escolinha de Arte do Recife e pela Univ. Federal de Pernambuco, sob coordenação de Everson Melquiades, supervisão de Maísa Silva e Renata Wilner, ministrado por mim, e por dois amigos também graduandos em licenciatura em artes visuais, Davi Castilho e Raquel Neuenschwander*.

Sobre a proposta do minicurso:

* o minicurso foi feito no entre agosto e setembro de 2024, nas segundas e quartas feiras, entre às 14h e 16h30, com carga horária total de 25h, composta por 10 aulas e 5 módulos, para uma turma de 10 pessoas.

figura 04.
poster de divulgação do minicurso Habitat: Desenho, 1ª Edição.



figura 04

Habitat: desenho se propõe a explorar o caráter poético e as características imagéticas do elemento da água como ferramenta de inspiração para desenvolver fundamentos básicos na construção do desenho, expandindo suas potencialidades gráficas e expressivas. Considerando o desenho como campo de investigação, serão realizadas produções práticas, leituras críticas e rodas de conversa através de recursos visuais, textuais, sonoros e do uso de materiais não convencionais para aprimorar o domínio de ferramentas, estimular a coordenação motora, a consciência corporal e perceptiva. Assim, integrando a prática artística com elementos da natureza, nos afastaremos de preciosismos técnicos para reformar o pensamento idealizado sobre o desenho, sugerindo estratégias para se relacionar com os acasos, os erros e

as imperfeições como grandes aliados na experiência criativa.
(Barros, 2024)

Com a restauração da minha relação com desenho, mergulhei em novos universos, tão imensos, tão profundos, que me reconheci novamente diante do espelho do papel.

Nem sempre um desenho começa pelo começo, e aqui não será diferente. Nunca tive medo de encarar a folha em branco, tenho medo, na verdade, de deixá-la pálida e sem vida. Tem desenho que dura a vida inteira e nunca termina, e assim como esse trabalho, é eternamente um ensaio. Aqui não estou interessada em oferecer respostas, mas em fazer perguntas, pois tudo que sei, aprendi vivendo, e é no desenho, que me sinto imensa. O desenho nos dá esse poder de ser, fazer, ir, onde quiser. O desenho não é como uma certeza, é sempre um ponto de interrogação.

Diante de mim, enquanto caminho, olho para o chão, vejo uma pequena formiga carregando uma tonelada de folha por quilômetros a fio, e no mesmo instante, sinto pingos de chuva escorrerem pela minha pele, devo me proteger da chuva? Ouço as buzinas altas dos carros, me irrita, quero o silêncio, sinto uma saudade imensa de mergulhar no mar, desejo urgentemente comer um docinho, e uma ansiedade incômoda de resolver meus problemas. Vê? tudo acontece ao mesmo tempo.

Desenhando? Talvez. São essas inquietações que me trouxeram até aqui.

Dar voz às formas, rasgando, amassando, dobrando, recortando, se pondo em confronto com o papel, se desafiando a olhar por outros ângulos para ter novas perspectivas. Interagir com a matéria e fazer disso uma grande aventura, fechar os olhos, sentir, ativar outras percepções do corpo, confiar no tato, nas pontas dos dedos, se deixar fluir, não ter medo do escuro, abraçar o mistério. Tentar usar a força das mãos para alcançar a intensidade expressiva, usar as ferramentas de outras maneiras, ir de encontro com o que é forte, potente, expansivo. Usar a palavra como veículo de imagem, criar intimidade com os objetos ordinários, desinventá-los, acumular ferramentas de criação. Olhar para o topo da cabeça e para a ponta dos pés, extrapolar as fronteiras, criar em rede de conexões, atuando, interferindo, construindo e reconstruindo imagens, criando criaturas. Sentir o sabor das emoções, o peso dos sentimentos. Ser, antes tudo, consciente.

Ao longo dos anos, venho construindo um caminho de compreensão, do que, para mim, seria o desenho, e de que forma eu posso fortalecer a sensibilidade dos indivíduos através da arte educação. Sinto que, mais do que nunca, a vida contemporânea nos torna menos sensíveis e mais distantes da criatividade e da imaginação, mas acredito fortemente que a arte e a educação são as chaves para resgatar a nossa humanidade, no sentido de aprender a se relacionar melhor consigo mesmo, com o mundo e com as pessoas ao nosso redor.

Dito isso, para situar essa pesquisa em seu devido lugar, gostaria de argumentar sobre seu título, e talvez essa explicação esclareça o meu contexto de investigação nesse trabalho. *Desenhar*, um verbo no infinitivo que indica uma ação. *Ensaaios*, porque se encontra em estágio de esboço, é uma experimentação que tem uma finalidade, e por essa condição, busca no futuro atingir sua maturação. *Para uma imaginação da experiência*, porque se propõe a seguir uma direção que cultiva uma imaginação sobre a experiência, considerando-a como um organismo vivo, não estático, mas dinâmico.

A partir disso, tenho como objetivo principal cartografar minhas produções de desenho realizadas entre 2024 e 2025, compartilhando exercícios de desenho que exploram o caráter poético e as características imagéticas dos elementos da natureza como ferramentas de inspiração para expandir suas potencialidades gráficas e expressivas. Com isso, quero revelar possibilidades práticas, reflexivas e críticas sobre as relações entre arte e vida, propondo estratégias para reformar o pensamento sobre o que poderia ser o desenho. Pontuo, ainda que essa pesquisa possa servir como um instrumento educativo, não desejo, não neste momento, posicionar minhas investigações sob o ponto de vista da arte-educação, mas sim no campo das possibilidades dos processos de criação, especificamente, no desenho.

Mais do que um interesse técnico e estético, esta pesquisa carrega uma esperança — talvez ingênua, mas profunda — de que, assumindo o desenho como campo de investigação e, por meio de uma abordagem interdisciplinar, possamos nos reconectar com nossa natureza humana e criativa e, assim, construir uma vida mais significativa e melhor. Para ser fiel a essa esperança, conto minha história, demonstrando como minhas experiências de vida influenciam meus processos criativos. Desenhar é o que me transforma, e desejo que isso seja transformador para você e para outras pessoas também.

2. NATUREZA

Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2020, p.44)

Natureza é fonte primordial?

- Três coisas importantes eu conheço: lugar apropriado para um homem ser folha; pássaro que se encontra em situação de água; e lagarto verde que canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma força que inunda como os desertos. Que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece até a paradesa total dos reatores

Então eu apodreço para a poesia

Em meu lavor se inclui o Paracleto (Barros, 2010, p. 179)

Pra mim, não tem como falar sobre desenho sem falar sobre vida, e falar sobre vida é, inevitavelmente, falar sobre *natureza*.

Podemos dizer que somos, essencialmente, frutos de três naturezas. A primeira é humana, está aqui em carne e osso, e é um componente comum a todos os seres humanos. A segunda, é cultural, um componente comum a uma sociedade ou grupo, sob domínio da variedade e da multiplicidade. E a terceira, é nossa natureza criativa, um componente singular e particular a cada ser humano (Maquet, 1986, apud Ritcher, 2000, p.25).

Nesse contexto, nossa relação com a natureza pode ser cultivada de inúmeras formas: cantando, correndo, falando, desenhando, lendo, cozinhando... mas como as ações cotidianas evoluem para um fazer genuinamente artístico? De que maneira nosso prazer diário diante de cenas e situações se transforma na satisfação peculiar que caracteriza a experiência estética? (Dewey, 2010, p.73).

Meu objetivo não é discutir o que é o desenho, mas como ele pode ser. E, embora o desenho seja minha zona de interesse, o território da pesquisa é a natureza dessa experiência, porque a experiência é o que é, e, além disso, mais outra coisa, e, além disso, uma coisa para você e outra coisa para mim, e uma coisa hoje e outra amanhã, e uma coisa aqui e outra ali, e não se define por sua determinação, mas sim por sua indeterminação, por sua abertura (Larrosa, 2016, p. 43).

Não me interessa, portanto, perseguir verdades absolutas, nem fazer milhões de perguntas, mas sim fazer provocações, explorar um campo de possibilidades, porque o conceito é um pensamento morto, já que é, por definição, um pensamento classificado (Bachelard, 1993, p. 88).

No título deste trabalho, evidencio minha intenção de construir um ensaio sobre a experiência, tendo a imaginação como fio condutor dessa tarefa.

Seguimos a imaginação em sua tarefa de engrandecimento até chegar a um ponto além da realidade. Para ultrapassar bem, é preciso primeiro aumentar. Vimos com que liberdade a imaginação trabalha o espaço, o tempo, as formas; mas não é apenas no plano das imagens que a imaginação trabalha. No plano das ideias, ela também leva aos excessos. Há ideias que sonham. (Bachelard, 1993, p.123-124)

2.1 Bioma: a natureza da experiência

A natureza da experiência guarda em si uma fisionomia de imensidão e infinitude, tendo como princípio a descoberta e a função de despertar atividades sonhadoras. Quando nasce, é miúda e tímida, frágil como uma semente; mas, em sua essência, é expansiva e ambiciosa, ansiando por sua evolução. Essa aspiração é fiel a um sentimento primitivo, que assume a dupla natureza do ser humano: viver e criar. Por essa razão, sua matéria é substância de vida, e é a intimidade com o mundo que potencializa sua germinação. Assim, naturalmente abrigamos a vida, construímos uma fortaleza e cultivamos um bioma, um sentimento.

Com efeito, vemos a experiência nascer e morrer em toda parte; contudo, para criar raízes profundas, ela necessita de um solo fértil, uma dedicação. Quando bem nutrida, germina e cresce, mas só floresce impulsionada pelo desejo de criação.

São esses valores de intimidade que sustentam a força ramificadora do pensamento. Criar é uma conquista da maturidade, e a experiência se torna frutífera quando se converte em saber, quando se propaga e nos transforma.

Toda semente tem a potência da vida, a experiência nem sempre germina, mas é cíclica e se recicla, nunca perde seu valor. Aqui, a natureza imagina e nunca nos abandona, ela é um grande *bioma*.

2.2 Preservação: a natureza da linguagem

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco; ao ponto de ninguém e de nuvem. Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta. Sou mais a palavra ao ponto de entulho. Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las por chão, corrompê-las até que padeçam de mim e me sujem de branco. Sonho exercer com elas o ofício de criado: usá-las como quem usa brincos. (Barros, 2010, p.173)

Existem as razões pelas quais eu escrevo este trabalho, mas também o modo como escrevo, a natureza dessa linguagem, é o segundo passo para construir um ensaio para imaginação da experiência, por isso, acho relevante esclarecer minha personalidade de escrita e o formato da pesquisa.

Como educadora e leitora, acredito que as palavras também pensam e sonham. As palavras são livres de gramáticas e podem ficar em qualquer posição (Barros, 2010, p.425). A leitura é construção de pensamento e pode ser uma atividade sonhadora. Veremos mais adiante que ela pode ser catalisadora de imagem e produz ressonâncias na imaginação. Por esse motivo, falar sobre desenho é também um processo de investigação, explorar a nomenclatura da biologia como vocabulário nessa pesquisa não é uma decisão neutra, é uma busca pela integração de uma linguagem sincera que me cativa e que pode traduzir a minha visão sobre a vida e os processos de criação para que o leitor também participe dessa visão, e construa outras, como um fenômeno poético.

Assim, ao lado dessa primeira consideração, devo sintonizar a sua atuação no contexto em que habita, nesse caso, o contexto acadêmico. Bem sabemos que a linguagem acadêmica pode ser áspera e ardilosa, difícil de ser compreendida em razão muitas vezes, não do conteúdo, mas pela forma como ele é escrito. Isso me desconforta. Por esse motivo, busco aqui semear uma escrita mais decisiva, para que a leitura se torne mais fresca, suave e macia, fluída:

[...] o problema não é só aquilo que dizemos e o que é que podemos dizer, mas também, e sobretudo como dizemos, o modo como diferentes maneiras de dizer nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros (Larrossa, 2016, p.58).

Nesse sentido, há questões que transcendem a personalidade da escrita, envolvendo acessibilidade e inclusão. Uma linguagem clara é didática, pois facilita a transmissão de ideias, enquanto um discurso excessivamente complexo pode se tornar uma barreira, dificultando a compreensão e limitando o alcance da mensagem. Paulo Freire (2013), em *Pedagogia do Oprimido*, defende que a verdadeira comunicação deve ser dialógica, promovendo a troca de ideias e o entendimento mútuo, independentemente das diferenças linguísticas. O que me instiga, portanto,

não é o uso de palavras incomuns em si, mas a intencionalidade por trás delas. Afinal, muitos autores considerados eruditos conseguem transmitir suas ideias com clareza e profundidade. Também é importante dizer que uma linguagem acessível não significa uma linguagem pobre de valor reflexivo e crítico; ao contrário, deve ser também uma ferramenta de investigação do pensamento.

Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar palavras, eger palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são meros palavratório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (Larrossa, 2016, p.17)

Desejo que esse trabalho possa ser lido por um público amplo, não apenas pelos integrantes do ambiente acadêmico – como estudantes, professores e pesquisadores – mas também por pessoas fora desse círculo, ampliando seu impacto e relevância, por esse motivo, faço questão de *preservar* minha forma de escrever, para que seja fiel a minha personalidade expressiva mesmo em um trabalho acadêmico.

Necessitamos de uma língua para a conversação porque só tem sentido falar e escutar, ler e escrever, em uma língua que possamos chamar de nossa, ou seja, em uma língua que não seja independente de quem a diga, que diga algo a você e a mim, que esteja entre nós. [...] Nota: Se uso a palavra "conversação" para lhe dizer, outra vez, que quero falar com você, é porque essa palavra sugere horizontalidade, oralidade e experiência. O que quero dizer a você, então, em primeiro lugar, é que precisamos buscar uma língua que não rebaixe, que não diminua, que não construa posições de alto e baixo, de superior e inferior, de grande e pequeno (Larrossa, 2016, p.71).

Por outro lado, apesar da tempestade de informações no qual vivemos no mundo moderno influenciarem nossos hábitos de leitura, as produções acadêmicas também influenciam nesse costume, talvez em proporções diferentes, mas existentes, e a educação deriva desse processo. Do meu ponto de vista, o grande desafio é conseguir alcançar um equilíbrio entre o rigor acadêmico e a acessibilidade, que estejam alinhados com o meu propósito.

Tomei a decisão de produzir esse trabalho como um caderno de artista porque a estética visual também importa. Eu amo escrever à mão, e os cadernos, desde a infância, são meus grandes companheiros, meus estudos e pesquisas vivem e sobrevivem sob esse contexto, e não vejo razão para escondê-lo, pelo contrário, considero isso como uma oportunidade para fazer diferente, experimentar, e buscar ser mais coerente com a área no qual investigo, a arte.

Esse gesto, para alguns, pode parecer “rebelde” porque converge com uma normalidade acadêmica, mas acredito que a forma como escolhemos falar e escrever, também é um ato político. Meu desejo é que este trabalho, ao desafiar certas convenções acadêmicas, contribua para uma educação mais acessível e transformadora, promovendo a emancipação dos indivíduos, incentivando sua autonomia crítica, porque a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas é que transformam o mundo (Freire, 2013).

2.3 Fauna e Flora: a natureza do saber



figura 05

Há vinte e cinco anos, uma pessoa me acompanha e me ensinou muitas coisas. Foi com ela que aprendi a usar um telescópio, jogar Lego e montar espaçonaves com o sofá, compreender atalhos no teclado do PC, explorar a teoria musical, desenhar quadrinhos, assistir aos melhores programas de ciência e animação na TV, ler revistas, jogar o jogo da velha com alienígenas, fugir de baratas e até paquerar nuvens. Essa pessoa é Pedro, meu irmão.

figura 05.
no buquinho da minha
mãe

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 06



figura 07

figura 06.
nascidafigura 07.
crescendo

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 08



figura 09

figura 08.
um aninhofigura 09.
dando os primeiros
passos

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 10



figura 11

figura 10.
figura 11.
no cantinho preferido
da casa

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 12



figura 13

figura 12.
carrossel

figura 13.
juntinhos

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 14

figura 14
se refrescando na
piscinafonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 15



figura 16

figura 15
no parquefigura 16
na escola semente

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 17

figura 17
são joão I

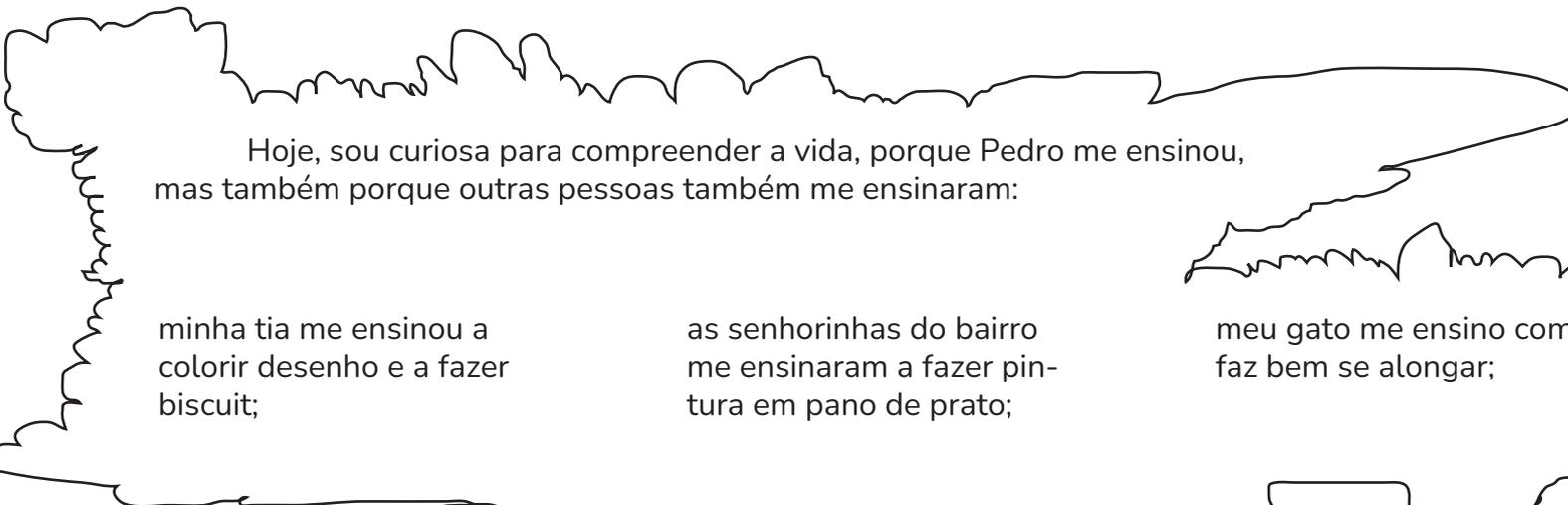
fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024



figura 18
são joão II

figura 18

fonte:
arquivo da pesquisa.
ilustração da autora.
2024

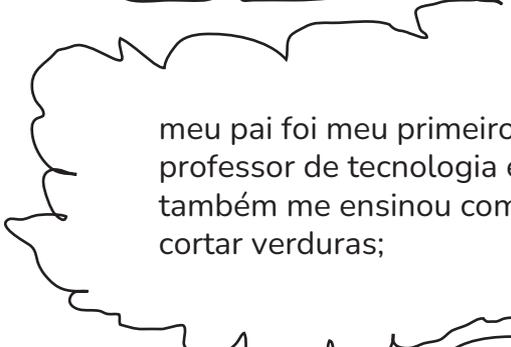


Hoje, sou curiosa para compreender a vida, porque Pedro me ensinou, mas também porque outras pessoas também me ensinaram:

minha tia me ensinou a colorir desenho e a fazer biscuit;

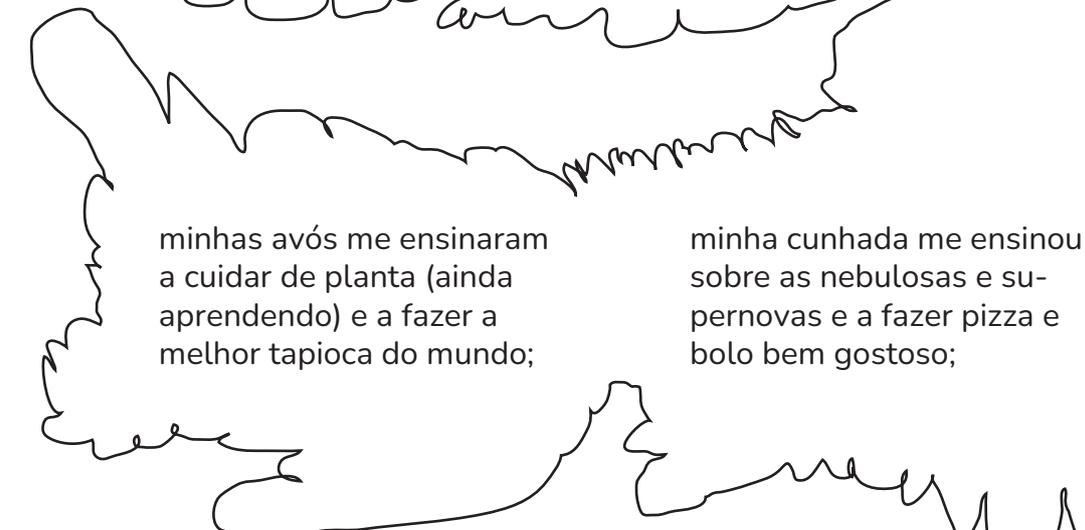
as senhorinhas do bairro me ensinaram a fazer pintura em pano de prato;

meu gato me ensinou como faz bem se alongar;



meu pai foi meu primeiro professor de tecnologia e também me ensinou como cortar verduras;

minha irmã me ensinou sobre música e hoje até sei tocar umas musiquinhas no teclado;



minhas avós me ensinaram a cuidar de planta (ainda aprendendo) e a fazer a melhor tapioca do mundo;

minha cunhada me ensinou sobre as nebulosas e supernovas e a fazer pizza e bolo bem gostoso;



e como tantas outras pessoas, aprendi mais milhões de coisas.

Minha admiração com a natureza nasceu desde a infância, primeiro com minha mãe, que é florista há mais de 20 anos. Isso fez com que o perfume das flores sempre invadisse minha casa, e eu pudesse estar perto de muitos jardins. Outro lugar que me gerou bastante fascínio pela natureza foi a fazenda do meu avô, no interior de Alagoas. Na época em que visitava, eu não tinha celular, só conhecia uma tecnologia: a natureza.

Meu irmão sempre foi muito curioso. Até hoje, ele tem o hábito de se aproximar e dizer: "Aprendi uma coisa nova!" Em seguida, compartilha comigo a informação mais aleatória que eu poderia imaginar. Gostamos de fazer caminhadas noturnas e caçar constelações. Nossas conversas transitam por temas diversos, como diagramação, ciência e marcenaria. Foram tantos assuntos inesperados que aprendi com ele que, ao longo do tempo, percebi que ser curioso é ser gigante, porque conhecer o mundo nos engradece.

Quando ia, eu era a primeira a acordar, pegava a manhã no couro, colocava uma bota gigante da minha vó e passava o dia inteiro dentro da mata, havia magia naquele lugar, era sublime.

Lá dentro a beleza me devorava, tinha estranheza com quase tudo, não sabia o nome nem o perigo das coisas, por isso inventava. Ali, de pertinho eu conheci borboletas maduras, insetos exóticos, o céu profundo e águas enluaradas, ouvia as paisagens e tinha a proteção das sombras, um teto de folhas que eu sabia que os pássaros as governavam. Essas memórias já têm mais de quatorze anos, mas continua viva. Depois que cresci, compreendi que a escola mais revolucionária que existe, é a natureza, e hoje morando na cidade, procuro vegetar o olho.

Na floresta não há essa substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de "eu sou a natureza", a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida. Eu tenho uma alegria muito grande de experimentar essa sensação e fico procurando comunicá-la, mas também respeito o fato de que cada um tem a sua passagem por este mundo (Krenak, 2020, p.54)

O mundo nos oferece inúmeras possibilidades de aprendizado – basta estar atento às suas manifestações.

Esse pleno emprego exige o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que, muito frequentemente, é aniquilada pela instrução, quando, ao contrário, trata-se de estimulá-la ou despertá-la, se estiver adormecida. Trata-se, desde cedo, de encorajar, de instigar a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época (Morin, 2012, p.22).

Por essas e outras razões, a construção do conhecimento não é um processo linear e fragmentado; ele flui, integra-se e nos atravessa.

A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras que não cabe analisar aqui; comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese (Morin, 2012, p. 24).

É necessário conectar-se com os outros e consigo mesmo para crescer, descobrir o que nos desperta e o que nos cativa no mundo, para seguir um caminho que faça sentido com os nossos desejos e aspirações, e assim construir uma *fauna e flora*, uma natureza de saberes.

2.4 Solos férteis: a natureza da imaginação

O passeio de bicicleta, o caminho para casa, a lasanha do fim de semana, aquela brincadeira de infância, nosso filme preferido, uma conversa importante com um amigo, a frase daquele livro encontrado por acaso na biblioteca, o azulejo colorido da casa no bairro, o cheiro de lavanda do sabonete do banheiro, a saudade de alguém especial — tudo isso constitui solos férteis para a imaginação. A experiência ocorre continuamente, pois a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver (Dewey, 2010, p. 88).

O que precisamos considerar é que, quaisquer que sejam os modos de contato visual com o mundo – enxergando, vendo, mirando, focando, contemplando, olhando etc. –, nós estamos vivendo experiências, dando espessura ao tempo presente e alimentando a memória para a formação de um enorme repertório visual, um arquivo mental de imagens-lembrança (Silva, 2024, p.09)

Sentimos quando vivemos: ouvindo, falando, andando, repousando, comendo, agindo. Nossa sensibilidade ao mundo é filtrada por nossas percepções. São as experiências que despertam em nós uma emoção, porque a imaginação trabalha onde há alegria: no sentido das formas e das cores, das variedades e metamorfoses, no porvir da superfície (Bachelard, 1997, p.02).

Cada momento de percepção contém múltiplos momentos de interpretação e compreensão. Assim, a percepção deve ser entendida como um processo

dinâmico e não como um mero registro mecânico de estímulos. "Dinâmico", no amplo sentido da palavra, refere-se a forças em atividade. Não somos passivos na percepção, mas participantes ativos. Desde o início, a percepção se estrutura por meio de processos seletivos, guiados por nossas necessidades e expectativas. Diante dos incontáveis estímulos ao nosso redor, essa seletividade atua como um filtro de significados. Estabelecemos prioridades em nossa atenção, percebendo certas coisas como importantes, enquanto outras passam despercebidas (Ostrower, 1999, p.25).

Nosso corpo, portanto, é um microambiente, um território de fluxos que se molda às condições externas ao mesmo tempo em que inscreve sua presença no mundo. O ser se une inteiramente ao meio e, com isso, permanece plenamente vivo (Dewey, 2010, p. 82). Ele está em constante interação com um macroambiente, sendo atravessado por múltiplas influências externas — sociais, culturais, geográficas, políticas, econômicas, ambientais, tecnológicas e simbólicas. Essas forças moldam nossas percepções, que, embora sejam sensíveis e participativas, também estão sujeitas a diferentes condicionantes. Esse processo de troca nem sempre se organiza em uma experiência única e coesa. Muitas vezes, há distração e dispersão; o que observamos e pensamos, o que desejamos e obtemos, discordam entre si (Dewey, 2010, p. 109).

Ao compreender nosso meio ambiente, nos aproximamos dos elementos que nos cultivam. No processo de absorção de informações, nem tudo é elaborado em nível consciente — nossa atenção se dedica mais ao que nos interessa. É preciso seguir as imagens que nascem em nós mesmos, que vivem em nossos sonhos. Essas imagens, carregadas de uma matéria onírica rica e densa, são um alimento inesgotável para a imaginação material (Bachelard, 1997, p. 20). Algumas imagens, ainda que naturais, não nos cativam nem despertam emoção profunda; outras, igualmente comuns, nos marcam intensamente (Bachelard, 1997, p. 22).

A imaginação é alimentada pelas imagens que nos cativam, nos despertam e nos sensibilizam. Ela é uma musculatura que deve ser exercitada diariamente para que, assim, possamos cultivar um solo fértil para a criação.

2.5 Ecossistema: a natureza da criação

Até o momento, dediquei grande importância à apresentação do território da pesquisa, acolhendo suas diversas naturezas. Foi necessário percorrer esse caminho para construir um ensaio sobre a imaginação da experiência, aproximando-nos do grande ecossistema que é a Arte e, assim, cultivando uma reforma do pensamento sobre o que pode ser o desenho.

Em favor desse ensaio, demos cinco passos, considerando:

I – A natureza da experiência

O bioma da experiência, uma semente que pode germinar, crescer, florescer e gerar bons frutos;

II – A natureza da linguagem

É fundamental preservar nossa natureza da linguagem para valorizar e defender nossas visões de mundo, falando nosso próprio idioma;

III – A natureza dos saberes

Devemos reconhecer nosso meio ambiente para compreender a natureza do saber, nossa fauna e flora de aprendizagens, acumuladas no próprio processo de viver, interagir e se conectar com o mundo;

IV – A natureza da imaginação

A musculatura de nossos desejos; ela é nutrida pelas imagens que nos cativam, despertam nossa sensibilidade e ativam nossas percepções, tornando-se solos férteis para a criação.

V - A natureza da criação.

Quando essas naturezas atuam juntas, conquistamos a maturidade do desejo: criamos.

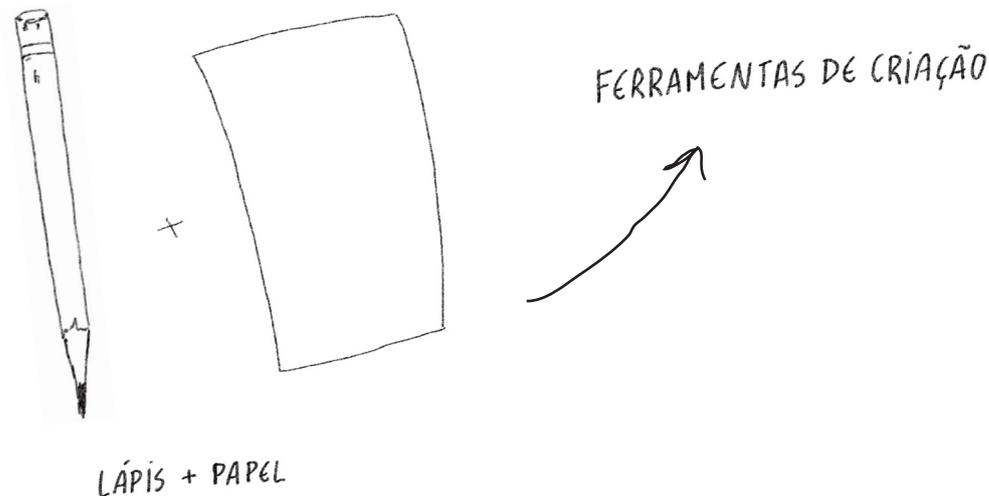
Essa natureza tem afinidade com as matérias, e queremos explorar sua grandeza. Podemos favorecer nossa intimidade com o mundo de muitas formas, mas aqui, escolhemos desenhar.

3. МАВІТАГ

Para criar, precisamos de um território livre, flexível e em constante expansão — precisamos de um Habitat. Aqui, habitaremos o desenho como um espaço vivo para materializar nossos sonhos e desejos. Deixaremos de ser apenas espectadores para nos tornarmos protagonistas de nossas atividades criativas, cultivando um rizoma de possibilidades, uma verdadeira biodiversidade.

As Ferramentas de criação

Todos os desenhos realizados nesta pesquisa tiveram a presença de dois materiais: um lápis grafite (variando a sua graduação) e papel sulfite comum, de 75 g/m².



Os motivos para essa escolha foram simples: são acessíveis tanto em termos de disponibilidade no mercado, quanto de preço; o outro, são de fácil manuseio; e, por fim, demonstram que uma simples folha e um simples lápis podem ser ferramentas poderosas e valiosas para o desenho.

Aqui vale uma nota: pela minha experiência com o desenho, não importa o que você tem, mas o que você faz com o que tem. Não costumo avaliar a qualidade dos materiais pelo preço, pois isso varia conforme os objetivos técnicos e

poéticos na expressão do desenho. Mesmo com materiais de baixo custo, é possível alcançar resultados expressivos satisfatórios; e claro que o desempenho técnico varia de material para material.

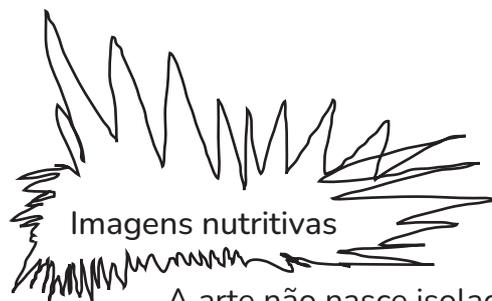
Para mais detalhes sobre esse assunto, consulte meu livro *O máximo do mínimo e o mínimo do máximo: ferramentas alternativas para criação do desenho e da pintura*, fruto da minha pesquisa de iniciação científica.

Outro recurso amplamente utilizado na produção dos desenhos foram as imagens que serviram de inspiração. Em sua maioria, extrai de fotografias autorais (imagens da família); outras foram selecionadas na internet, principalmente por meio do aplicativo Pinterest, que uso há mais de 10 anos. Além disso, explorei livros de ciências em geral (biologia, oceanografia etc.) e de poesia.

Reconheço que desenhar na vida real, a partir de objetos tridimensionais é diferente de utilizar imagens bidimensionais de livros ou computadores. Por exemplo, quando eu teria a oportunidade de desenhar um hipopótamo, uma jiboia ou um inseto peculiar ao vivo? Embora essa chance possa surgir um dia, é improvável que eu me coloque nessas situações. Portanto, devemos aproveitar ao máximo os recursos disponíveis. A tecnologia está à nossa disposição e, quando não estiver, os livros sempre serão aliados. A experiência real nunca será superada e, se possível, deve ser priorizada. Contudo, não deixe de experimentar os benefícios da tecnologia, que nos permite conhecer e observar tantas outras coisas que nossos olhos não permitem.

Metodologia de criação

Nossa principal metodologia de criação será o *desenho de observação*. Para isso, partimos da experiência sensível e da interação direta com o mundo ao nosso redor. O desenho se torna um instrumento de investigação e descobertas, um espaço aberto para experimentação. Para isso, precisaremos:



Imagens nutritivas

A arte não nasce isolada da vida. Ela emerge do cotidiano, daquilo que germina e desperta o interesse. Há uma evolução natural entre as atividades humanas comuns e aquelas que assumem um valor artístico (Dewey, 2010, p.72). Dessa forma, para compreender a experiência estética em sua plenitude, é necessário partir de suas manifestações mais espontâneas: "nos acontecimentos e cenas que prendem o olhar e o ouvido atentos do homem, despertando seu interesse e lhe proporcionando prazer ao olhar e ouvir: as visões que cativam a multidão" (Dewey, 2010, p. 61-62).

O desenho de observação se alimenta dessas imagens do mundo — são elas que nutrem a criação.

*Todos os desenhos dessa pesquisa foram escaneados, e levemente editados para corrigir valores tonais da imagem.

Curiosidade

A curiosidade é a força motora do processo criativo. Não se trata apenas de buscar respostas, mas de se encantar com o percurso. Como bem disse Dewey (2010, p. 155), "uma certeza não nos desperta emocionalmente". O que nos move é a descoberta, a empolgação com algo que ainda se desdobra. O ato de desenhar, assim, não deve ser conduzido pela busca incessante por um resultado final, mas pelo prazer da investigação em si.

O desenho acontece na interação, no diálogo constante entre a vida e a criação. As possibilidades estão sempre a nossa frente.

Partimos para uma série de operações analíticas, tais como: discriminando, separando, delimitando, abstraindo e generalizando certos aspectos dos fenômenos observados - e, ainda no mesmo ato, procedemos em sentido contrário: comparando, relacionando, interligando e novamente unindo os aspectos. Análises e sínteses. Componentes e contextos. Partes e novas totalidades. Podemos destacar os aspectos e recompô-los. Podemos criar novas unidades no fluxo do acontecer (Ostrower, ano, p.29)

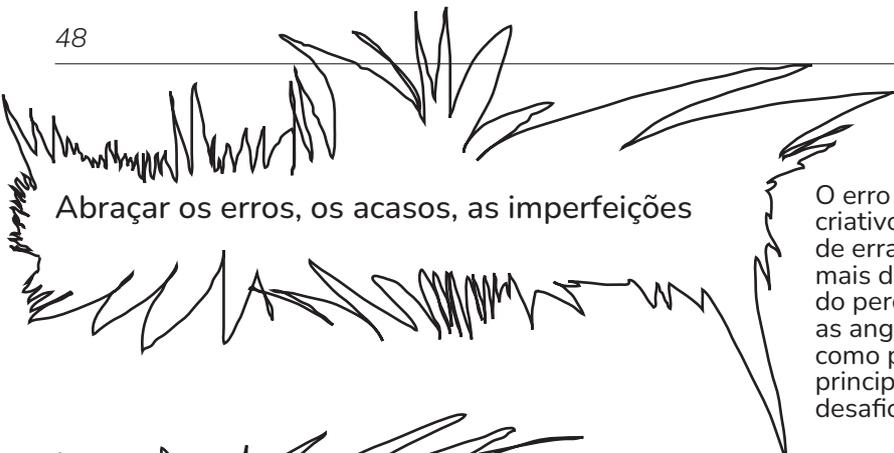
Organizamos as circunstâncias das situações, as decomparamos e recompomos em contextos e componentes, em novos conjuntos e suas partes, cada vez com um sentido próprio. Aqui já se torna uma patente, o quanto se aproximam os princípios fundamentais de estrutura na percepção e na criação artística (Ostrower, ano, p.29)

Observar, não idealizar

Observar é diferente de idealizar. Quando idealizamos um desenho, buscamos um resultado pré-concebido, e isso pode bloquear nossa espontaneidade e fluidez.

Quando idealizamos um desenho, nossa coordenação motora se comporta de um outro jeito. A manifestação do desenho vai para outro caminho, a pessoa fica estagnada. Um fator que podemos mudar é repensar qual nosso objetivo quando nos colocamos para desenhar, intencionar a pesquisa, buscar entender, ir de encontro ao meu entorno e se reverberar com as possibilidades do que é real. Primeiro entender seu contexto, vibrar de acordo com o presente, porque o desenho de observação faz parte disso, se integra a isso. Existem fórmulas de trabalho que podem condicionar o seu olhar e não conduzi-lo de forma autônoma. [...] Procure os descaminhos, que não seja o roteiro que aprendemos que tem que ser. [...] porque se a gente trabalha sempre com fórmulas, chegaremos sempre no mesmo lugar. A proposta não é vincular a identificação do objeto para que os outros o reconheçam, não só representa, mas constrói algo novo, porque faz parte do que você é. (Obsteiner, 2022)

Trata-se portanto, de transfigurar uma lógica de representação artística pela realização experimental da energia criativa na existência dos participantes dessa experiência e na renovação do cotidiano do próprio ambiente artístico e de formação artística (Morais, 2023, p.06).



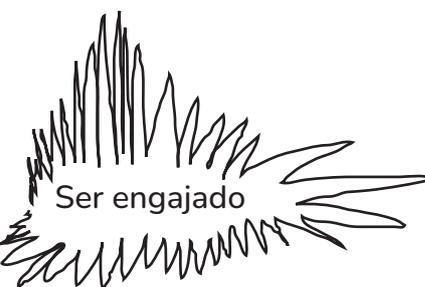
Abraçar os erros, os acasos, as imperfeições

O erro não é um desvio, mas um caminho possível dentro do processo criativo. A idealização de um desenho pode nos levar à paralisia, ao medo de errar. Entretanto, o erro nos convida a explorar novas direções, a estar mais disponíveis para os acontecimentos inesperados que surgem ao longo do percurso. Os erros, os acasos, os desvios, as surpresas, as dúvidas, as angústias, tudo isso contribui para que o desenho seja compreendido como parte de um processo que não está somente na nossa cabeça, mas, principalmente, na nossa disposição pra enfrentar, no papel em branco, os desafios que ele nos convoca (Feijão, 2020).



Desenhar não é dom

Desenhar não é só talento, é preciso prática e dedicação.



Ser engajado

O desenho é um espaço de reflexão e de possibilidades.

Não existe nenhuma convocação divina ou nenhum passe de mágica que te fará ser desenhista. Desenhar é trabalho e ponto! Trabalho que envolve uma prática deliberada e um grande exercício intelectual. Se você não desenha, mas gostaria, precisa saber que existem métodos que te ajudam a ter uma consciência melhor sobre o que é essa linguagem, te possibilitando, através da ação constante, abrir novos caminhos de compreensão de si e do mundo (Feijão, 2020).

A criação deriva de uma atitude básica da pessoa, em estar disposta a experimentar, descobrir, investigar, percorrer o caminho, entre recuos e avanços, avaliando as opções, tomando decisões, pois dessa maneira, vai-se conquistando amaturidade na expressão criadora [...] O tempo necessário é relativo a cada caso, para que certas potencialidades (capacidades /interesses) frutifiquem em cada pessoa e se desdobre intimamente ao seu ser, à sua própria experiência de vida, integrando, ampliando a visão que se forma do mundo e da vida. Não há tempo cronológico para esse desenvolvimento (Barros, 2022, p.72)

Seguindo nessa direção, para contemplar o meu principal objetivo de construir um caderno de artista, nesse trabalho eu compus uma lista de 26 exercícios de desenho. Cada exercício contém o resultado visual do desenho, a descrição da técnica que foi utilizada, um breve comentário sobre minhas reflexões durante seu processo de criação e algumas sugestões para a prática do exercício.

Os exercícios de desenho foram feitos a partir de duas variáveis (X e Y):

X

Conteúdo

Elementos da natureza

Tudo o que se relaciona a natureza, seja bichos, insetos, flores, verduras, frutas, legumes, pessoas, objetos, microorganismos, raízes, plantas, fungos, enfim.

Y

Variação técnica

Relação motora:

refere-se à conexão entre os movimentos físicos (motores) realizados pelo corpo, especialmente as mãos, e o processo de criação do desenho. Está diretamente ligada à coordenação motora fina, que envolve o controle dos músculos do corpo, e possui relação com as habilidades motoras e cognitivas durante o ato de desenhar.

Relação espacial:

diz respeito ao contexto do ambiente em que o desenho foi produzido, considerando a organização das ferramentas e do suporte no espaço. Essa variação envolve diferentes abordagens, como desenho em movimento, desenho em posições não convencionais (por exemplo, na ponta da cabeça) ou desenho estático.

Relação material:

refere-se à especificação dos materiais utilizados tanto no suporte quanto na ferramenta, abrangendo materiais convencionais e não convencionais.

Relação perceptiva:

trata da construção do desenho com base em estímulos sensoriais e subjetivos. Pode envolver percepções diretas (visão, audição, tato, olfato e paladar), bem como processos internos, como memória e imaginação. Essa variação valoriza a interpretação dos sentidos como recurso tanto imagético quanto imaginativo.

(*) exercício coletivo

Observações:

Os exercícios de desenho podem envolver todas essas variações. No entanto, em cada exercício, será destacado qual tipo de variação se sobressai no desenvolvimento do desenho.

Também vale dizer que meu intuito para produção desses desenhos não teve foco nas dimensões poéticas e temáticas, afinal, isso é um ensaio, não uma obra, o objetivo é apresentar possibilidades de criação, que pode ser infinita, com base em cada exercício, do ponto de vista técnico, poético e temático.

O formato

Mas por que fazer uma lista de exercícios?

Este trabalho poderia ser uma exposição das minhas obras de desenho, mas, como arte-educadora, sinto a necessidade de compartilhar o que sei, na esperança de que isso possa ser transformador para alguém. E, nesse contato, que outras pessoas também possam me ensinar. Quero que este seja um espaço aberto para troca, experimentação e aprendizagem.

Pensando em como tornar essa proposta acessível e flexível, decidi criar uma lista de exercícios de desenho.

Essa lista é para você que desenha há muito tempo e já possui conhecimento técnico/poético, para você que começou a desenhar recentemente e ainda está se descobrindo, para você que nunca desenhou na vida ou até mesmo para você que diz que não sabe desenhar. Não importa se você é criança, adulto ou um jovem idoso, todos podem explorar essas práticas.

Os exercícios são simples, mas apresentam diferentes níveis técnicos de execução: fácil, moderado e avançado (isso é muito relativo, depende de pessoa pra pessoa). Além disso, podem ser explorados em diferentes contextos, como:

Lazer – para quem busca um passatempo criativo e prazeroso.

Aprofundamento – para quem deseja aprimorar sua técnica e explorar novas possibilidades poéticas/técnicas no desenho.

Educação – para professores/as e educadores/as que querem utilizar o desenho como ferramenta pedagógica.

Mas não para por aí, você ainda pode adaptá-los e direcioná-los conforme seu interesse:

Exploração temática – investigar um universo específico, como flores, animais, microorganismos ou qualquer outro elemento que desperte sua curiosidade.

Exploração técnica – focar em aspectos compositivos do desenho, como texturas, volumes, luz e sombra, linhas ou composição.

Exploração combinada – unir essas abordagens, por exemplo, estudando as texturas das flores ou investigando a composição das formas dos insetos.

As possibilidades são infinitaaaaaaaas.

O desenho pode ser um caminho de autodescoberta, expressão e aprofundamento, seja para fins profissionais ou apenas para o prazer de criar. Independentemente do seu nível ou objetivo, você pode encontrar um espaço para se conectar com essa prática. Nunca é tarde para começar a desenhar!

3.1 biodiversidade

Legenda (Exercício/ numeração / variação técnica)

Exemplo: E01_b = Exercício nº 01, com variação espacial.

Variações técnicas**Variação Motora (a)**

- E01_a: Desenhando com a mão não dominante
- E02_a: Desenhando com a ponta dos dedos
- E03_a: Desenhando com a mão agarrada no lápis
- E04_a: Desenhando com o lápis inclinado 180°
- E05_a: Desenhando com as duas mãos
- E06_a: Desenhando com relevos
- E07_a: Desenhando em círculos

Variação Espacial (b)

- E08_b: Desenhando com as sombras
- E09_b: Desenhando com o papel acima da cabeça
- E10_b: Desenhando com o papel flutuando
- E11_b: Desenhando na penumbra

Variação Material (c)

- E12_c: Desenhando com extensores gráficos – pregador de roupa
- E13_c: Desenhando a partir dos reflexos da água
- E14_c: Desenhando sobre superfícies
- E15_c: Desenhando em 360°

Variação Perceptiva (d)

- E16_d: Desenhando a partir da memória
- E17_d: Desenhando a partir da música
- E18_d: Desenhando a partir do tato
- E19_d: Desenhando a partir dos sabores
- E20_d: Desenhando a partir de linhas externas
- E21_d: Desenhando com escalas minúsculas
- E22_d: Desenhando em escala grandes, mas não tão grandes
- E23_d: Desenhando com a borracha

Exercícios compostos (*)

- E24_d*: Desenhando como telefone sem fio
- E25_a*: Desenhando com o papel “flutuando” – em dupla
- E26_d*: Desenhando a partir da descrição de um objeto

E01_a: DESENHANDO COM A MÃO NÃO DOMINANTE**CARACTERÍSTICAS GERAIS:**

Escolha temática: reino animal – fauna marinha

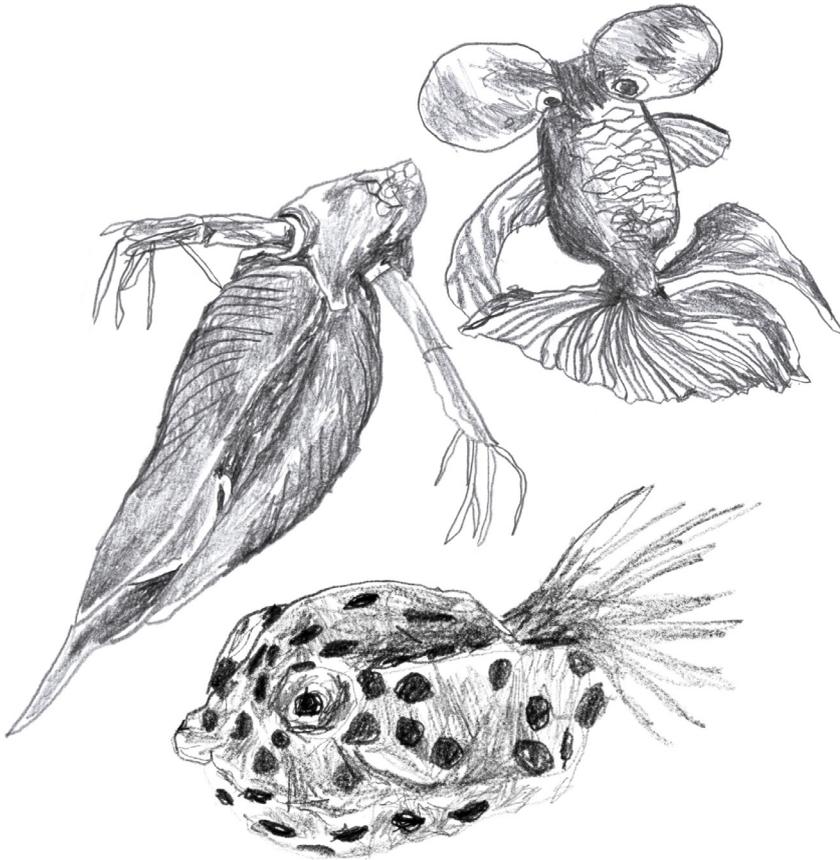
Variação técnica: variação motora (a)

Materiais: papel sulfite, lápis 8B, 6B e 4B

Observações:

Do meu ponto de vista, esse processo é bastante desafiador para quem gosta de ter tudo sob controle, tornando-se, portanto, um excelente exercício para a paciência. Para mim, sempre surge a vontade de pegar o lápis da minha própria mão e fazer "da maneira correta", do jeito "certo". No entanto, essa experiência também me ensina a lidar com os acasos, com os "erros". Para isso, exploro diferentes formas de movimentar a mão, avaliando de que maneira me sinto mais confortável para desenhar, quais intensidades consigo produzir e quais traços sou capaz de criar a partir de determinados movimentos.

Dessa forma, o desenho torna-se uma grande pesquisa.



E01_a: DESENHANDO COM A PONTA DOS DEDOS



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: reino animal – insetos – mariposas

Varição técnica: variação motora (a)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B

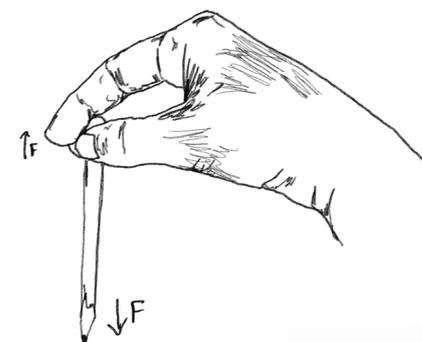
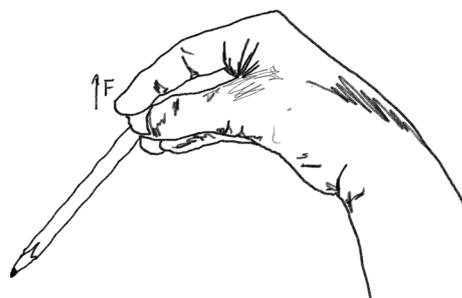
Observações:

Para executar traços com maior intensidade, é necessário um esforço maior, pois essa posição específica do lápis e da mão reduz significativamente a força aplicada ao traço. Por isso, é possível que surja um certo desconforto ou até uma leve dor na mão ao desenhar, uma vez que essa não é uma posição tradicional nem naturalmente confortável.

Além disso, é provável que durante o processo, sua mão pode responder instintivamente inclinando o lápis para outros ângulos. Isso não representa um problema, pois há diversas possibilidades a partir dessa mesma posição dos dedos. No entanto, para vivenciar plenamente o desafio, sugiro manter o lápis constantemente sob um ângulo reto de 90°, prestando atenção a essa postura ao longo do exercício.

Outro aspecto importante é a graduação do lápis.

Graduações mais baixas resultam em traços mais claros e, nesse contexto, a intensidade reduzida da pressão tornar os traços ainda mais suaves.



PONTOS DE FORÇA

↑ F = + FORÇA

↓ F = - FORÇA

E03_a: DESENHANDO COM A MÃO AGARRADA NO LÁPIS



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: fauna – animais selvagens

Variação técnica: variação motora (A)

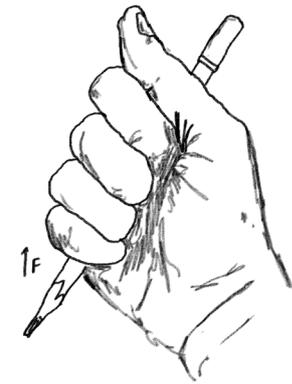
Materiais: papel sulfite, lápis 8B

Observações:

Neste exercício, tentaremos usar a força das mãos para gerar froça expressiva no desenho, explorando a ferramenta como fonte de intensidade e indo ao encontro do que é potente, forte e expansivo.

Devido à pressão exercida sobre a ponta do lápis, manter uma ponta afiada tornou-se um desafio, o que era esperado. Além disso, lápis com mina macia deslizam mais facilmente sobre o papel.

Assim como outros exercícios de variação motora, este pode gerar certo desconforto na posição da mão. Para isso, experimente realizar movimentos contínuos e interrompidos, lineares e circulares, além de dosar a intensidade da força aplicada sobre o papel. É possível trabalhar predominantemente com tons escuros e sombras densas, contrastando com espaços vazios e áreas em branco, dependendo do seu objetivo poético no desenho, isso pode tornar o desenho visualmente mais impactante. Particularmente, gosto de utilizar essa técnica para preenchimento ou contorno de formas, porque me aproxima de gestos mais espontâneos.



PONTOS DE FORÇA

↑ F = + FORÇA

↓ F = - FORÇA

E04_a: DESENHANDO COM O LÁPIS INCLINADO 180°



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: flora – flores

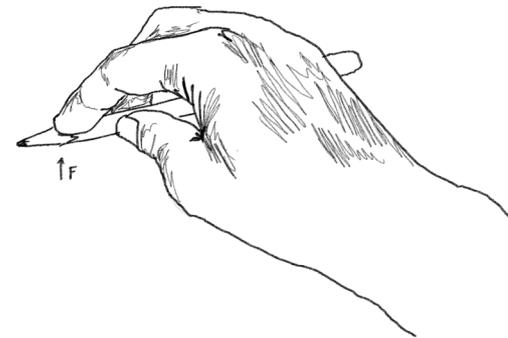
Varição técnica: variação motora (a)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B

Observações:

Esse exercício é simples, basta inclinar o lápis de modo que ele fique deitado. A regra é mantê-lo nessa posição durante todo o processo de desenho. Com o tempo, é natural que o lápis vá se desgastando e se auto apontando.

Dependendo do ângulo em que você esteja trabalhando com o lápis, você alcançará traços mais gordos ou mais finos no desenho.



PONTOS DE FORÇA

↑ F = + FORÇA

↓ F = - FORÇA

E05_a: DESENHANDO COM AS DUAS MÃOS



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: objetos

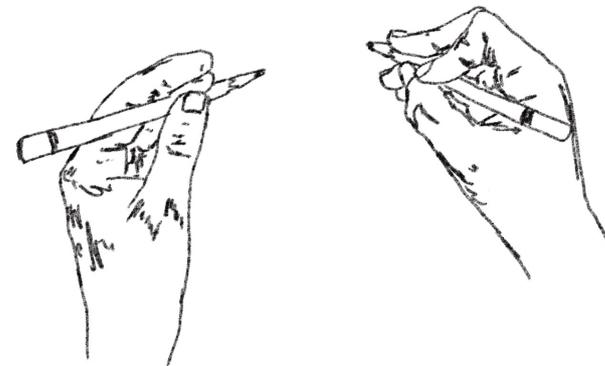
Variação técnica: variação motora (a)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B e 8B

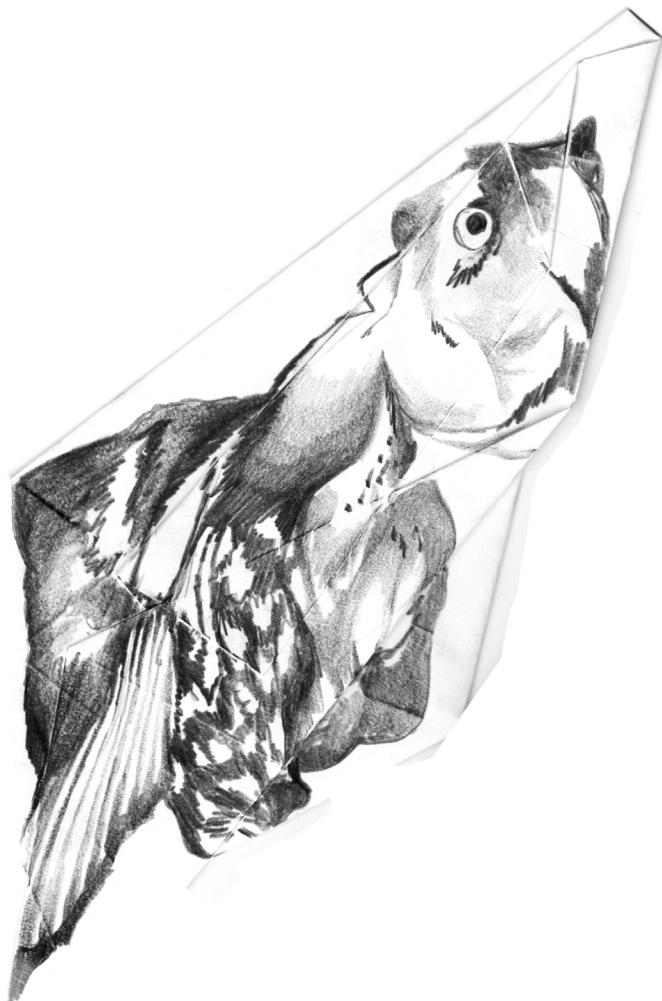
Observações:

Eu acho esse exercício engraçado porque, para mim, ele se torna uma tentativa de imitar o gesto de uma mão com a outra, quase como se os traços fossem gêmeos. Para realizá-lo, utilizei duas graduações de lápis diferentes, o que me ajudou a identificar e comparar os desenhos feitos com a mão dominante e a mão não dominante.

No caso, com a minha mão esquerda (não dominante), usei o lápis grafite 4B, enquanto com a minha mão direita (dominante), utilizei o lápis grafite 8B. Foi complicado desconectar os movimentos das mãos, de modo que cada uma fizesse os traços em lugares diferentes. No entanto, essa dificuldade faz parte do processo de aprendizagem, permitindo cultivar a percepção e a liberdade do gesto.



E06_a: DESENHANDO COM RELEVOS



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: fauna marinha - peixes

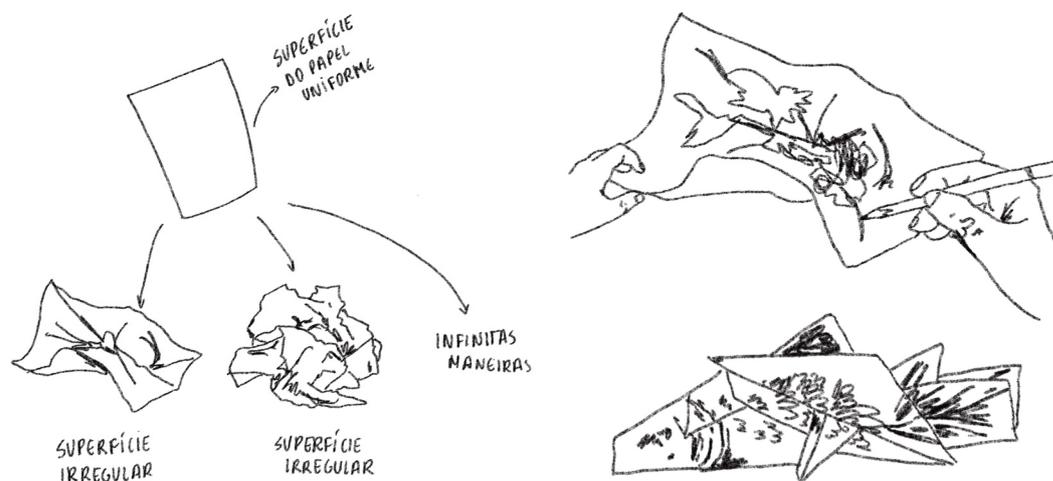
Varição técnica: variação motora (a)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B, 6B e 8B

Observações:

Primeiro, comece amassando o papel. Neste exercício, o suporte (o papel) também se torna um elemento ativo na construção expressiva do desenho. A ideia é manipular o papel até que ele perca a sua superfície plana, tornando-se desnivelado e irregular – você decide como. Imagine um origami, esse processo se assemelha a essa técnica, onde as dobras e amassados transformam a superfície em algo tridimensional, com relevos e variações.

Após essa preparação, comece a desenhar sobre a superfície transformada. É interessante variar as tonalidades dentro do desenho e dosar a intensidade da pressão que a mão exerce sobre o papel, sempre respeitando o peso e a espessura do material. Isso é importante para preservar as deformações criadas pelo amassado e garantir que os relevos do papel não sejam excessivamente alterados. Vale destacar que, dependendo da gramatura do papel (quanto mais fina e leve, mais fácil será deformá-lo; quanto mais espesso, mais difícil), os relevos podem se comportar de maneira diferente.



E07_a: DESENHANDO EM CÍRCULOS



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: flora – flores

Varição técnica: variação motora (a)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B

Observações:

Vou contar uma história da minha infância. Minha mãe me ensinou a pintar dessa forma quando eu era criança. Certo dia, enquanto aprendia a pintar na escola e estava pintando uma árvore, minha professora se aproximou e disse:

— Bia, se você começa em uma direção, precisa terminar nela.

Fiquei chateada, porque minha mãe tinha razão: pintar em círculos é muito mais divertido.

Pintar dessa forma pode proporcionar ótimos resultados na criação de texturas ou no preenchimento de formas. É possível variar a tonalidade do traço, aplicando mais ou menos pressão sobre o papel, além de modificar sua espessura e diâmetro para obter diferentes efeitos.

E08_b: DESENHANDO COM AS SOMBRAS



CARACTERÍSTICAS GERAIS:

Escolha temática: objetos diversos

Variação técnica: variação espacial (b)

Materiais: papel sulfite, lápis 8B

Observações:

Aqui, seremos caçadores de sombras, buscaremos as paisagens ocultas que estão diante de nós, nos acompanham, mas nem sempre as percebemos.

Elas podem surgir em qualquer lugar, moldadas por luzes naturais ou artificiais, mas, de preferência, naturais. A luz direta cria sombras bem definidas, com contornos nítidos, enquanto a luz difusa espalha os contrastes, deixando as sombras suaves e esfumadas.

Para esse exercício, sugiro que você comece dando uma volta pela sua casa e percebendo como as luzes invadem esse lugar em um dia ensolarado. Uma dica: se quiser sombras longas e dramáticas, o início da manhã (entre 8h e 9h) e o fim da tarde (após as 16h) são momentos ideais, pois o Sol está mais baixo no céu e projeta sombras alongadas. Já entre 10h e 12h, a luz intensa e quase vertical cria sombras mais curtas e bem definidas. Se os objetos da casa não projetarem sombras interessantes, experimente movê-los e veja como as projeções de sombras se transformam.

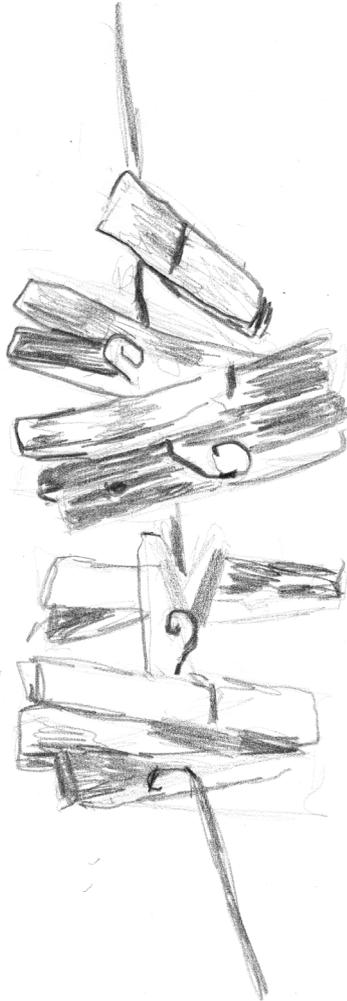
Se puder, saia de casa e caminhe pelo quarteirão ou dê uma volta pela cidade. Observe as sombras desenhadas ao longo do dia: os tapetes bordados de luz e sombra no chão, as silhuetas detalhadas de grades e as formas projetadas pelas pessoas em movimento. Outra dica: para evitar ficar torrando embaixo do sol, você pode fotografar essas sombras e desenhá-las depois, no conforto de casa.

Agora, se você não puder ou não quiser sair de casa (quem sabe em um dia chuvoso?), há outras possibilidades. Uma delas é buscar fotografias na internet, ou então criar suas próprias paisagens de sombra, brincando com uma lanterna (luz artificial) e objetos diversos.

Essas alternativas permitem maior controle sobre as projeções e formas. Experimente usar a lanterna do celular ou uma luminária junto a um objeto aleatório. Para variar as formas das sombras projetadas, mova a fonte de luz em diferentes direções — aproximando-se ou afastando-se do objeto, posicionando-a mais acima ou mais abaixo. Ficar em um ambiente mais escuro, também pode ajudar.



E09_b: DESENHANDO COM O PAPEL ACIMA DA CABEÇA



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: fauna marinha - peixes

Varição técnica: variação espacial (b)

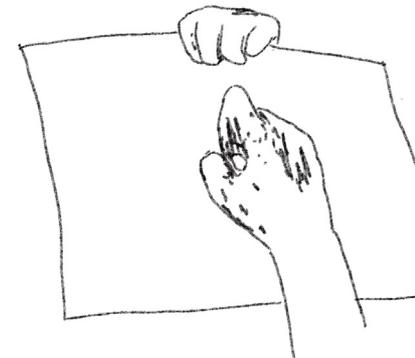
Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B e 8B

Observações:

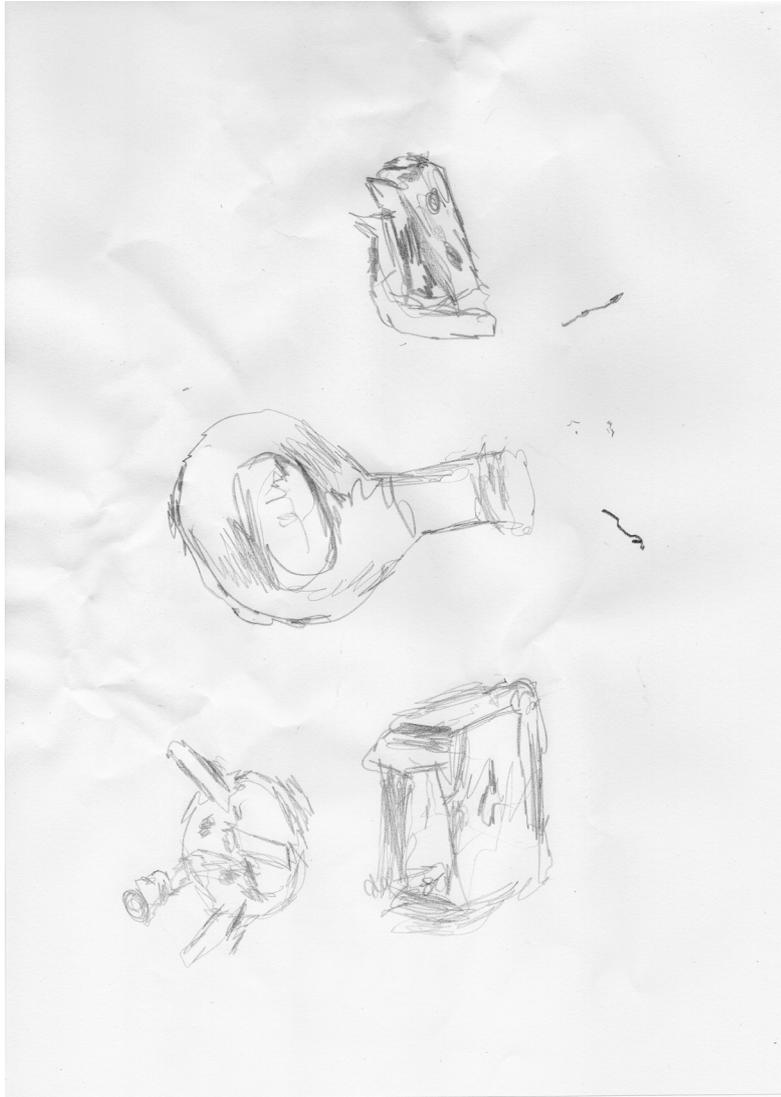
Um ótimo exercício para nos tirar da zona de conforto. Esse exercício pode causar cansaço nos braços e na cabeça, que deve estar apontada para cima. No entanto, a instabilidade da folha nos convida a encontrar estratégias para construir os gestos e os traços no papel. Dependendo de como posicionamos as mãos na folha, ela pode servir como apoio, proporcionando maior firmeza ao traço. É normal que a folha se amasse, isso também faz parte do processo.

Nessa prática, perceba qual amplitude ou velocidade um gesto deveria ter para alcançar os efeitos desejados no desenho. Esse exercício demonstra como acontecimentos físicos refletem na composição e no comportamento da matéria.

Trata-se de um exercício que investiga as traduções do movimento no desenho, além de revelar tendências estilísticas entre os desenhos produzidos, como os traços, os gestos, o preenchimento de formas e a composição.



E10_b: DESENHANDO COM O PAPEL FLUTUANDO



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: fauna marinha - peixes

Varição técnica: variação espacial (b)

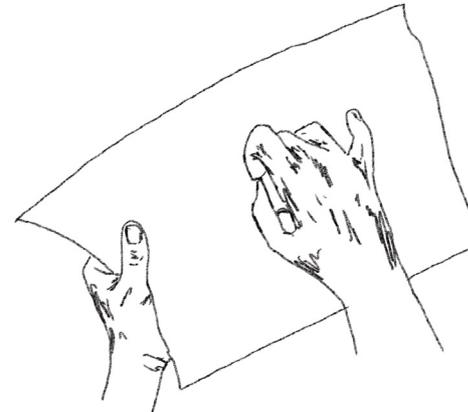
Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B e 8B

Observações:

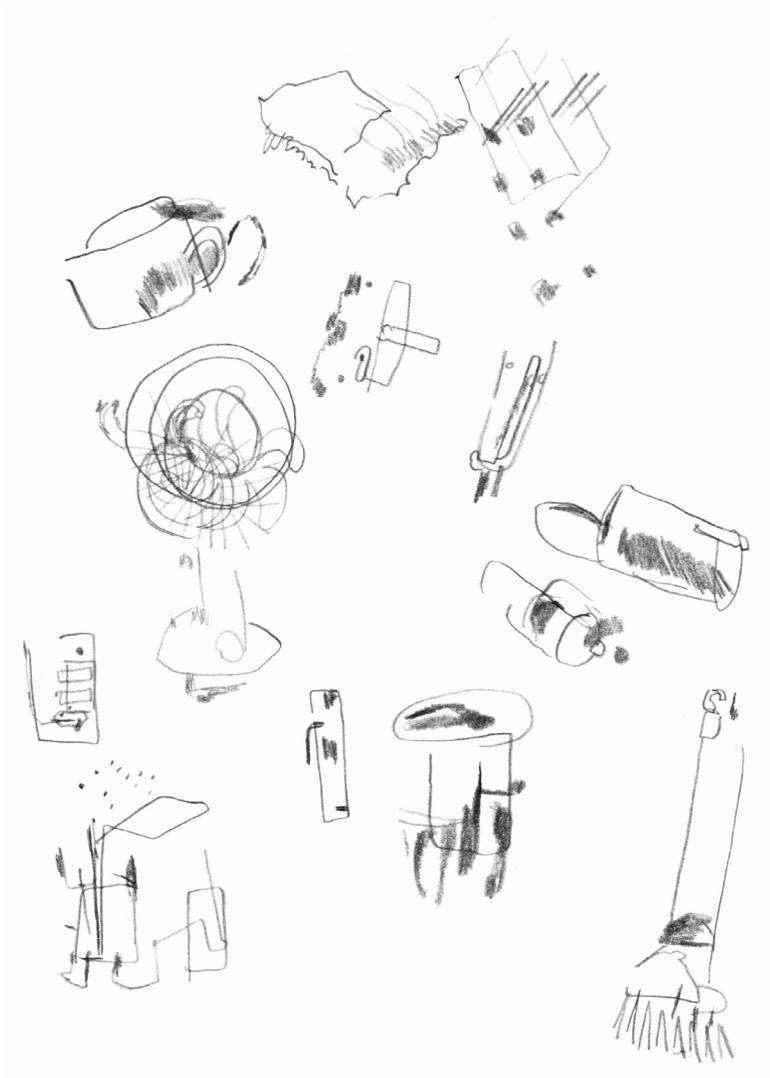
Assim como o outro exercício, este tem o objetivo de explorar novas possibilidades de interação do corpo com o papel e com as ferramentas, analisando como o relacionamento entre o suporte e a ferramenta influencia o comportamento motor.

Nesse processo, é necessário utilizar uma superfície fina, leve e desnivelada, possibilitando a experimentação de diferentes movimentos com as mãos e o corpo. Dessa forma, criam-se estratégias para interagir com a densidade e a instabilidade do papel, aprendendo a renunciar ao controle, a não ir contra a maré e a deixar fluir.

Esse exercício consiste em pesquisar traduções do movimento no desenho, buscando condições expressivas favoráveis para criar estruturas visuais com base nos contextos de aplicação da prática do desenho, tornando-nos mais conscientes das causalidades no processo criativo. O papel fica apontado para o chão.



E11_b: DESENHANDO NA PENUMBRA



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática:

Variação técnica: variação espacial (b)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B

Observações:

Nesse exercício, devemos nos aproximar da escuridão para dar luz aos desenhos, criando a partir das incertezas. incerteza. Aqui, precisamos confiar no tato e no atrito com o papel, estando mais conscientes dos movimentos das nossas mãos.

Para isso, é necessário encontrar uma penumbra e ter uma imagem de referência. Se preferir, você pode usar uma imagem no celular como referência, e essa pode ser a sua única fonte de luz, enquanto desenha no escuro, ao lado, em um papel.

Gosto muito desse exercício porque me dá a sensação de que o desenho se torna um ímã. A curiosidade é tão grande para ver como o desenho está se desenvolvendo, e se está ficando como eu gostaria, que surge uma tensão por não poder "ver" e "corrigir", ou fazer o que eu não quero fazer. É um exercício de expectativa X realidade. Com isso, os traços se desencontram, deslocando as linhas. O desenho ganha uma movimentação; parece que as coisas estão "fora do lugar", mas ainda assim se harmonizam, pois, os gestos, traços e riscos se sobrepõem constantemente, criando camadas, construindo e desconstruindo ao mesmo tempo. Acho divertido, apesar de me deixar ansiosa para ver o resultado final

E12_c: DESENHANDO COM EXTENSORES GRÁFICOS – PREGADOR DE ROUPA

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática:

Varição técnica: variação material (c)

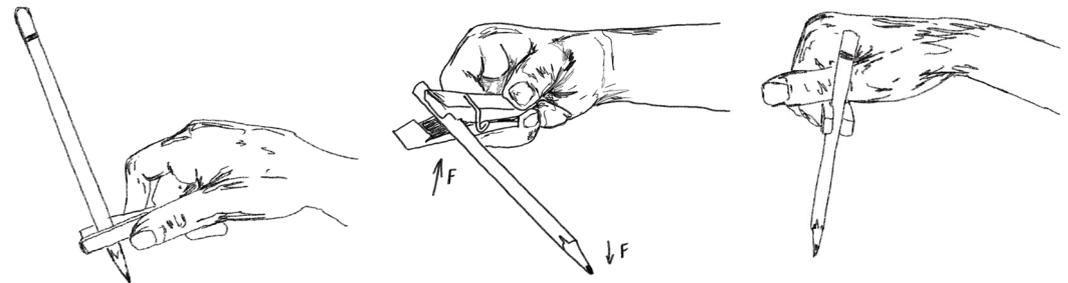
Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B

Observações:

Sem dúvida, este é um dos meus exercícios preferidos. Se você acha que tem a mão “pesada” e deseja tê-la mais leve, esse exercício é ideal para você. Para realizá-lo, basta utilizar um pregador de roupa.

Com o pregador em mãos, é possível fixá-lo no lápis em diferentes posições. Cada posição influencia o controle e a intensidade do traço. Quanto mais próximo da ponta do lápis o pregador estiver, maior será o domínio dos movimentos e da força aplicada sobre o traço. Por outro lado, quanto mais distante da ponta e mais próximo da extremidade superior do lápis, menor será o controle e a força exercida, resultando em um traço mais leve.

O objetivo é desenhar percebendo a intensidade da força da mão sobre a ferramenta, aprendendo a lidar com a materialidade do objeto e suavizando o traço para construir linhas mais delicadas e valores tonais claros. Esse método pode ser um excelente recurso para a realização de esboços. Além disso, trata-se de um exercício que explora o uso de ferramentas não convencionais.



E13_c: DESENHANDO A PARTIR DOS REFLEXOS DA ÁGUA

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: elemento água, projeção de luz, reflexos.

Varição técnica: variação material (c)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B, água.

Observações:

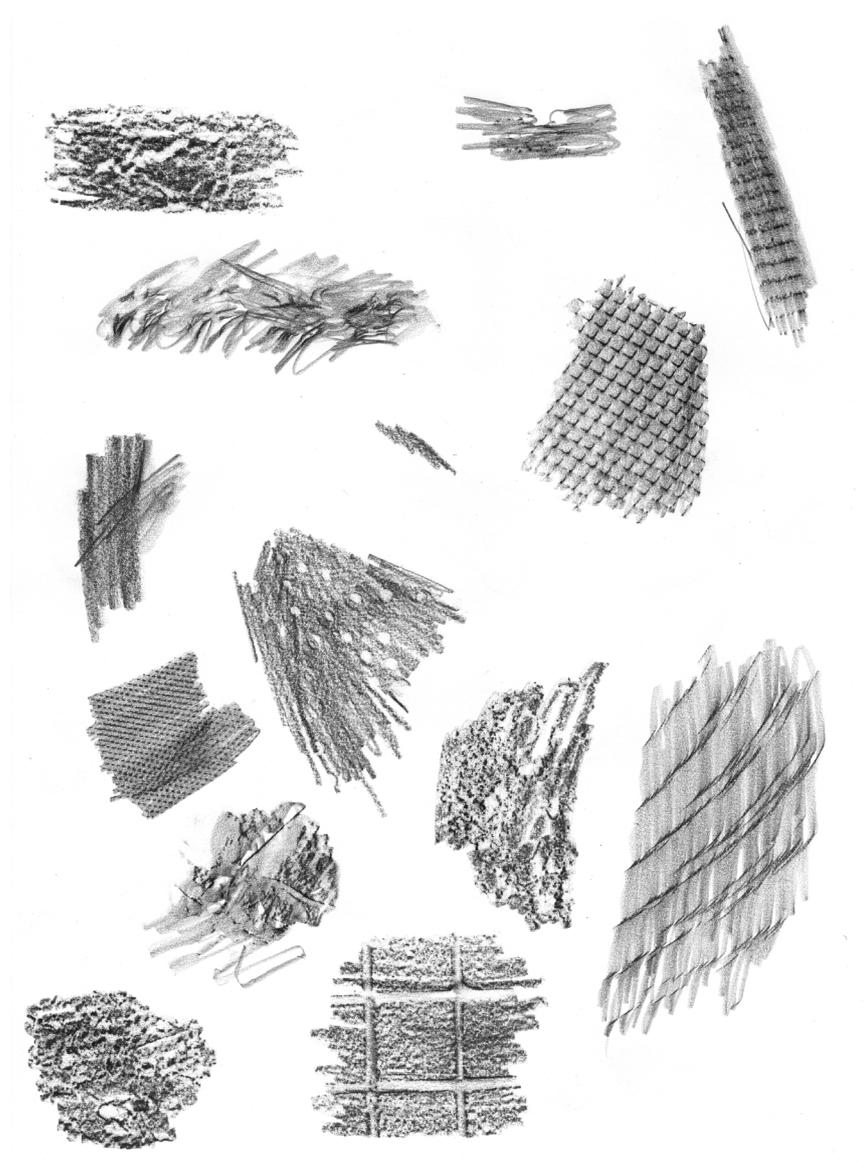
Para realizar esse exercício, você precisará apenas de um copo com água e uma fonte de luz, preferencialmente uma lanterna. A proposta é observar como a luz e sua ausência podem criar diferentes efeitos, permitindo contemplar paisagens ocultas, desfrutar dos reflexos úmidos e tentar materializar o fantástico.

Os recipientes podem variar, desde que sejam de vidro, sendo interessante explorar diferentes formatos. Com a lanterna (que pode ser a do celular), experimente afastá-la e aproximá-la do copo em diversas direções e distâncias, observando como os reflexos assumem diferentes silhuetas. Ambientes escuros são ótimos lugares para esse exercício.

Esse experimento pode servir tanto como referência para desenhos quanto para fotografias, possibilitando sobreposições e composições abstratas. Aproveite para observar os detalhes e deixar a imaginação fluir!



E14_c: DESENHANDO A PARTIR DE SUPERFÍCIES



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: superfícies diversas

Variação técnica: variação material (c)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B e 8B

Observações:

Esse é um clássico exercício de desenho, muito utilizado também na gravura, como na monotipia, onde extraímos o desenho de uma superfície. Eu adoro esse exercício, pois, ao caminhar pelos lugares ou até mesmo dentro de um ambiente, consigo extrair diversas texturas diferentes. A partir delas, podemos reconhecer padrões e depois aprimorá-los e aplicá-los em outros desenhos.

Para encontrar essas texturas, analise o cenário que está a sua volta, como a sua roupa, a mesa, a parede, a sola do sapato, o material da cadeira, etc. Para fazer o desenho, basta sobrepor a folha do papel na textura e pintar a área de contato entre as duas.

E15_c: DESENHANDO EM 360°**CARACTERÍSTICAS GERAIS**

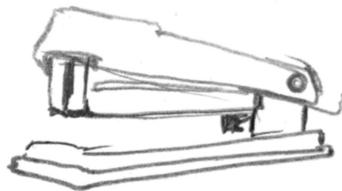
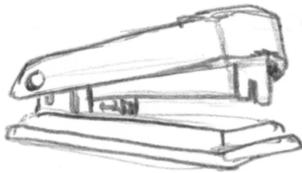
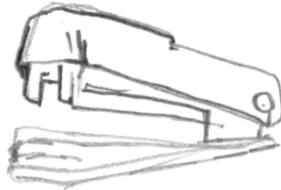
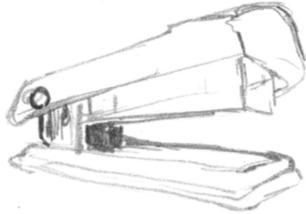
Escolha temática: objetos diversos

Varição técnica: variação espacial (c)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B

Observações:

Esse exercício demonstra como tudo depende do ponto de vista. Para realizá-lo, você precisa de um objeto que possa ser observado e manuseado em 360 graus. Variando a posição do objeto, é possível perceber como a sequência de desenhos apresenta características formais diferentes, dependendo da perspectiva. Para um melhor aproveitamento do exercício, escolha objetos que possuam formas variadas. No meu caso, escolhi um grampeador



E16_d: DESENHANDO A PARTIR DA MEMÓRIA

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: fauna – insetos

Variação técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 8B

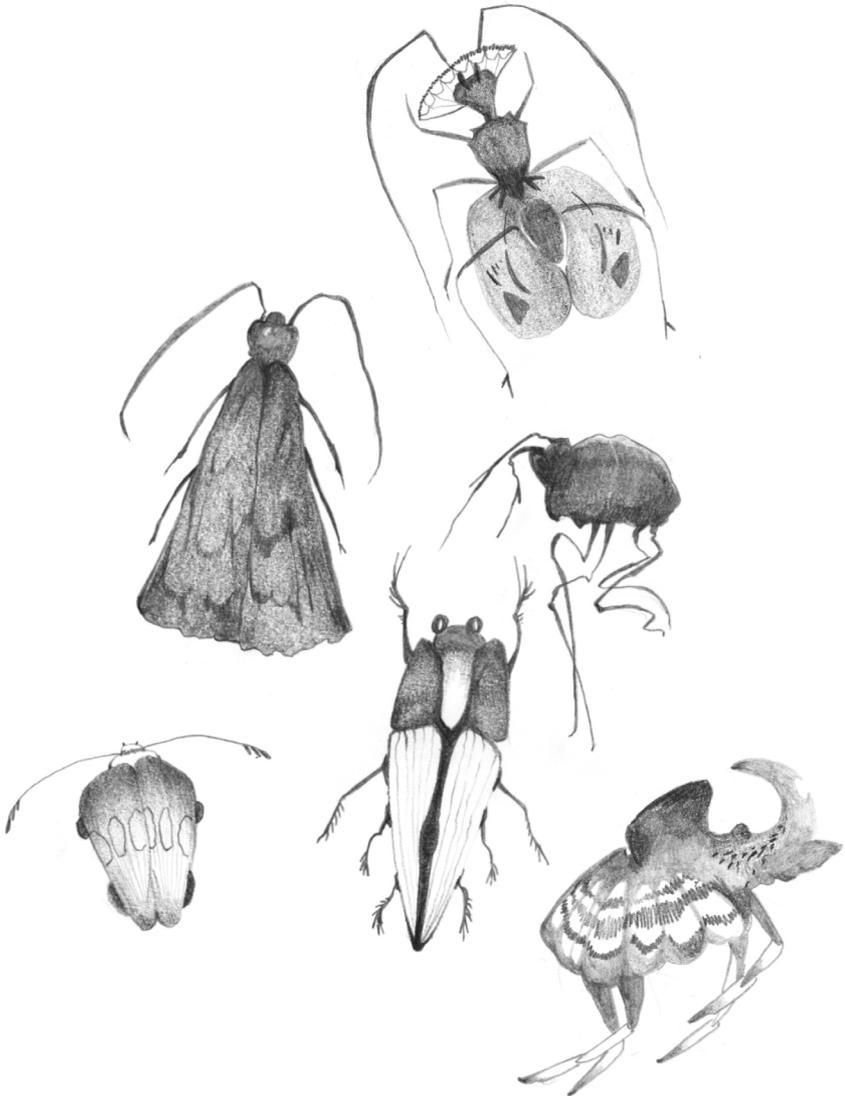
Observações:

Neste exercício, a memória será a principal fonte de referência para a composição do desenho. Nossa mente absorve as formas que mais nos atraem, seja um detalhe específico ou a estrutura geral do objeto observado. Assim, o desafio não está apenas em lembrar, mas em interpretar e recriar a imagem a partir das impressões retidas, deixando a imaginação fluir.

A proposta consiste em observar um objeto por um tempo determinado e, em seguida, desenhá-lo sem olhar para ele. O tempo de observação pode variar entre 30 segundos ou até 3, 5, 10 minutos. Quanto ao tempo de análise, evidentemente, isso influencia diretamente a quantidade e a precisão dos detalhes memorizados, dependendo da sua capacidade de armazenar essas informações, o que pode facilitar – ou até transformar – a construção do desenho.

Eu indico começar pelos tempos curtos e aumentando gradativamente, ou alternar os períodos de observação e prática, da seguinte forma: 30 segundos de observação > prática > nova observação > prática, repetindo o ciclo conforme necessário. Esse método permite “pescar” novas referências ao longo do processo e perceber como a memória e a imaginação influenciam as decisões formais.

Para mim, a grande lição desse exercício é que a memória pode nos surpreender. Mais do que testar a capacidade de retenção visual, essa atividade nos incentiva a observar com mais atenção os detalhes das formas ao nosso redor, aprimorando nossa percepção. Além disso, convida à experimentação e à livre expressão, pois, no processo, tomamos decisões inesperadas que podem enriquecer o desenho com mais criatividade. Aconselho a se desafiar selecionando objetos de observações com formas mais complexas.



E17_d: DESENHANDO A PARTIR DA MÚSICA



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: música

Variação técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 8B

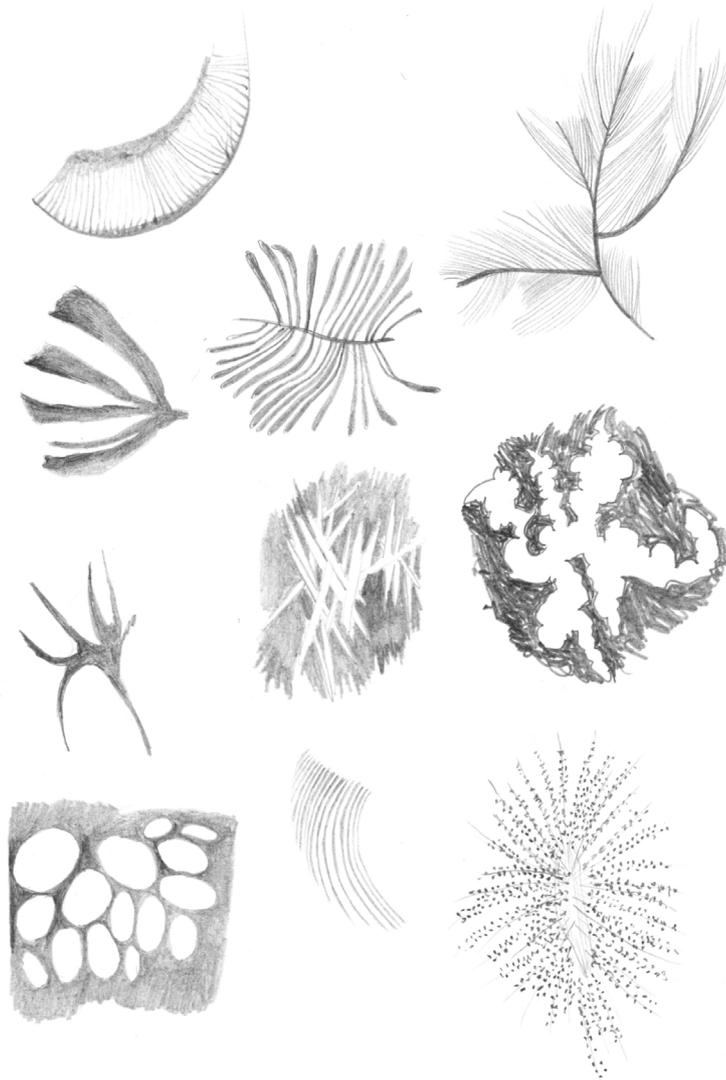
Observações:

Transformar som em imagem pode ser muito subjetivo, mas também extremamente enriquecedor. A tradução entre essas duas linguagens é dinâmica, pois envolve a interpretação das emoções e sentimentos que o som desperta em nós naquele momento específico. Com o tempo, essa percepção pode mudar, mas é justamente isso que torna o exercício tão interessante e aberto à experimentação.

No desenho, podemos trabalhar com a música explorando diversos elementos sonoros e traduzi-los em formas, texturas, linhas e cores. A música oferece uma infinidade de possibilidades, como focar em um único instrumento ou explorar a combinação de sons. Pode ser uma melodia vocal ou instrumental, um solo de guitarra, uma gaita, uma sanfona, ou uma peça clássica. Outra abordagem é explorar os tons agudos e graves, a velocidade e a intensidade da música, para se inspirar na dinâmica do desenho. Cada escolha resulta em diferentes interpretações visuais, e o importante é que você se conecte com a música de maneira emocional e criativa.

Não se preocupe com as formas ou com o resultado final. Comece desenhando o que a música provoca em você. Explore linhas, manchas e formas para expressar a energia do som. O desenho pode ser figurativo, abstrato, ou até um padrão visual que acompanhe o ritmo da música.

Esse exercício de tradução entre o som e a imagem oferece uma infinidade de possibilidades para exploração criativa.

E18_d: DESENHANDO A PARTIR DO TATO**CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Escolha temática: objetos diversos

Varição técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B, 6B e 8B

Observações:

Para este exercício, nos apoiaremos na percepção tátil para recrutar imagens. Para isso, podemos utilizar a memória para evocar a textura específica de determinado objeto ou, ainda, produzir o desenho no momento em que tocamos o objeto de observação. Nessa atividade, usei a memória como recurso para reproduzir minha sensação ao tocar em tais objetos, que foram: tecido de camisa, espanador, encosto de cadeira, papel bolha, pente de cabelo, sujeira do sofá presa no canto do sofá, mola, tampa de caneta.

E19_d: DESENHANDO A PARTIR DE SABORES

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: sabores

Varição técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B, 6B e 8B

Observações:

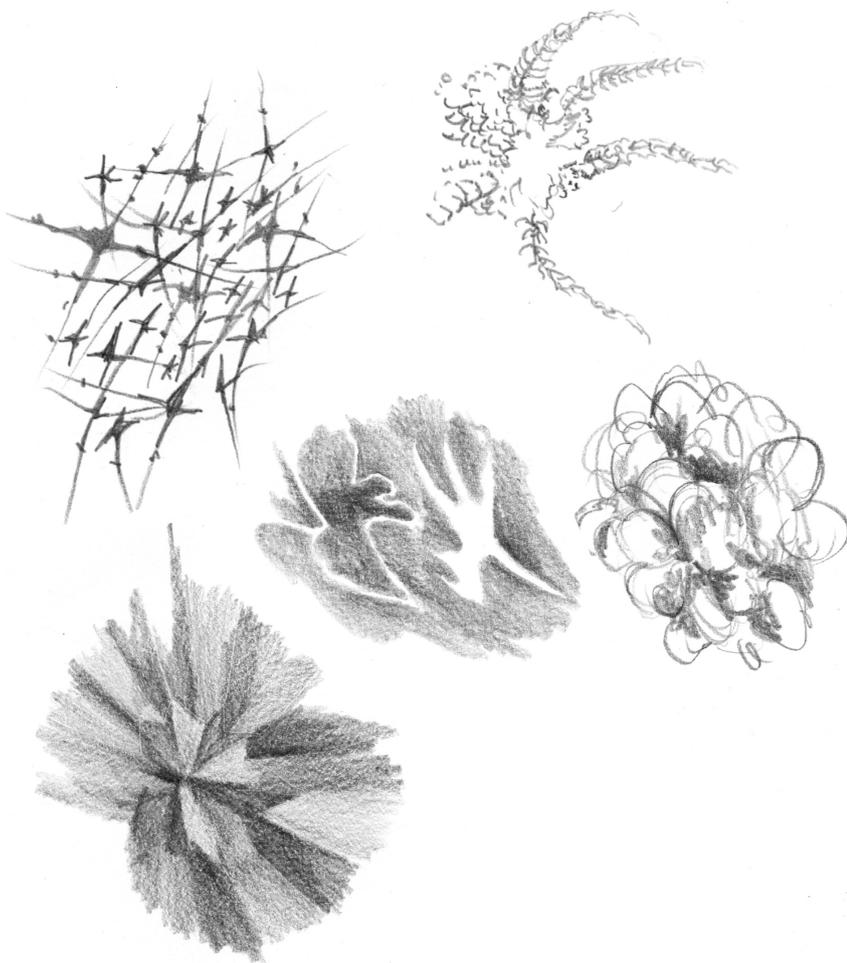
Que tal desenhar aquele cheirinho de bolo de laranja saindo do forno? Ou aquela comida picante? Ou um suco bem refrescante?

Para tornar os desenhos mais saborosos, podemos resgatar em nossas lembranças as sensações que temos ao degustar os alimentos, sejam essas experiências agradáveis ou até traumatizantes. Pense em um sabor que te desperta.

Busque explorar as mais diversas texturas e sabores que puder, como crocante, salgado, agridoce, azedo, doce, muito doce, muito picante. Essas intensidades também podem ser representadas de forma visual.

Durante o processo, me questionei sobre como esse sabor me faz se sentir, se ele é suave ou intenso, quente ou frio, crocante ou macio. Depois, tentei traduzir essa sensação em elementos visuais, associando formas e texturas. O sabor é suave e arredondado? É picante e pontiagudo? É doce e irregular? É geométrico? Essas características podem ser expressas através de formas e texturas.

Quanto ao estilo do desenho, ele pode ser tanto figurativo quanto abstrato. Se preferir, pode desenhar algo que remeta ao alimento ou à sensação de saborear. Ou, se preferir, deixe as formas e cores fluírem livremente, criando uma representação mais subjetiva do sabor.



E20_d: DESENHANDO COM LINHAS EXTERNAS

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: objetos diversos

Varição técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B

Observações:

Este é um exercício simples de desenho, mas muito eficiente para a descoberta de formas inusitadas. A proposta consiste em selecionar um objeto para observação e focar exclusivamente em seu contorno externo. A única regra é não produzir linhas internas na forma.

Dessa maneira, a estrutura dos objetos torna-se o principal elemento, independentemente de serem componentes individuais ou parte de um conjunto. Recomendo iniciar com um objeto isolado e, posteriormente, explorar cenários e aglomerados de objetos.



E21_d: DESENHANDO EM ESCALAS MINÚSCULAS



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: fauna – animais selvagens

Variação técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B

Observações:

A princípio, este exercício me pareceu simples — bastaria diminuir o tamanho, certo? Porém, não foi bem assim... a escolha temática dos bichos se revelou mais delicada, especialmente no que diz respeito às suas faces.

Geralmente, quando trabalhamos com anatomia, seja humana ou animal, as expressões faciais possuem grande importância, pois são responsáveis por transmitir emoções e sentimentos. Elas têm um forte caráter comunicativo, e a posição dos principais elementos do rosto, como os olhos, a boca e o nariz, influencia diretamente essa expressão.

Entretanto, meu objetivo principal não foi explorar esse tipo de expressividade, tampouco representar fielmente a imagem dos bichos, mas sim investigar a dinâmica de reduzi-los em escala, buscando entender e selecionar quais as formas e elementos mereciam um protagonismo para desenhá-los. Optei por transformar bichanos em bichinhos, experimentando ver o contraste “poético” de ver um grande animal selvagem pequenininho.

E22_d: DESENHANDO COM ESCALAS GRANDES, MAS NÃO TÃO GRANDES

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: fauna – animais selvagens

Variação técnica: variação perceptivo (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 8B

Observações:

Este exercício pode ser comparado ao processo de execução do anterior, que envolvia escalas pequenas. Em ambos, é necessário lidar com a variação de escala e o tamanho do objeto, alternando entre dimensões pequenas e grandes, o que exige uma compreensão sobre proporções. Meu objetivo, como mencionado anteriormente, não é reproduzir fielmente as formas da imagem, mas garantir o equilíbrio proporcional entre os elementos no desenho.



E23: DESENHANDO COM A BORRACHA

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: flora – flores

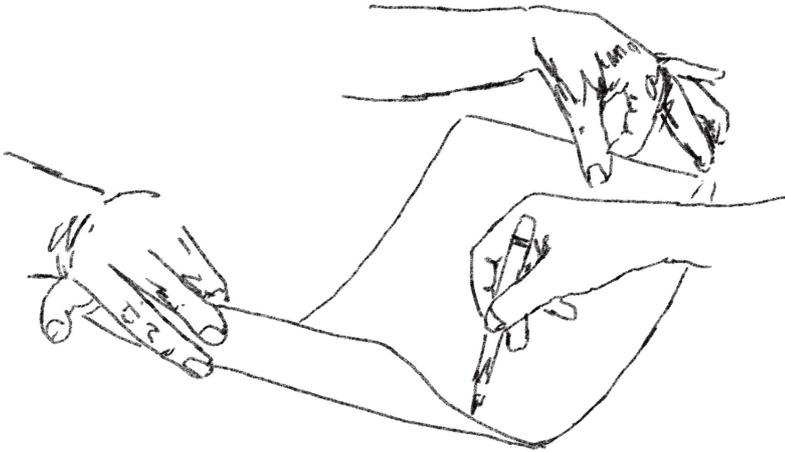
Varição técnica: variação espacial (c)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 6B, borracha

Observações:

Neste exercício, a borracha terá outra função. Para realiza-lo, primeiro precisamos preencher um espaço do papel com o lápis, de modo que toda a sua superfície fique escura. Em seguida, construiremos uma imagem, subtraindo o grafite com a borracha. A intenção é inverter as funções entre positivo e negativo no desenho, usar a borracha do ponto de vista afirmativo, subtrair para adicionar luz no desenho. Busque explorar diferentes tonalidades no preenchimento da forma, para adquirir mais profundidade e dinâmica visual.



E24*_a DESENHANDO COM O PAPEL FLUTUANDO – EM DUPLA**CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Escolha temática: X

Variação técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B

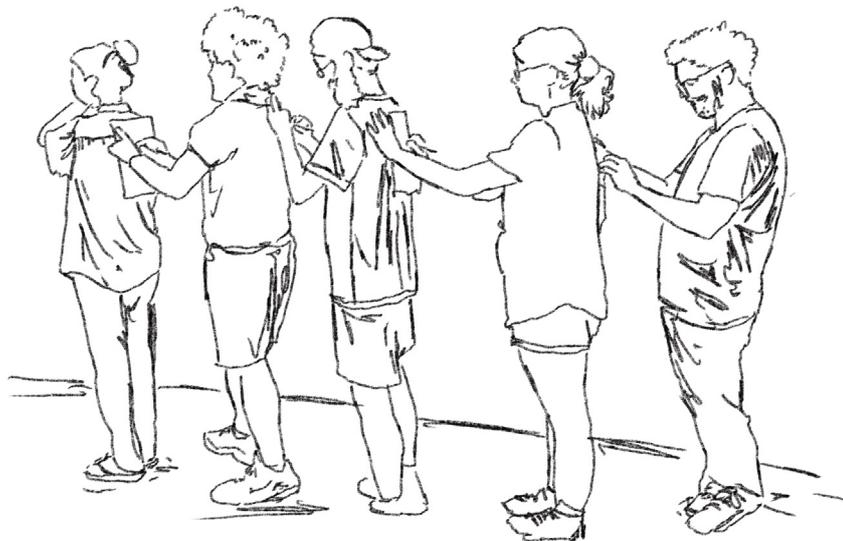
Observações:

Esse é o mesmo exercício que o E02, mas feito em dupla. Para realiza-lo, uma pessoa deve segurar o papel, em posição horizontal ou vertical e uma outra pessoa desenha sobre ele. O papel deve estar estendido, sem apoio, de maneira que sua superfície fique desnivelada.

Quem estiver sob domínio do papel pode explorar movimentá-lo, mantendo a instabilidade do papel para influenciar o traço e o gesto do desenho do outro. A proposta do desenho será fazer o retrato da pessoa que segura o papel. Quando um finalizar o desenho, repete o mesmo exercício e trocam de função.

Perceba como a energia motora que parte de um indivíduo para o outro funciona como pontos de diálogo sobre aquilo que se sente e se produz.

E25_d*: DESENHANDO COM TELEFONE SEM FIO



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática: X

Varição técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B

Observações:

Para este exercício, todos os participantes formarão uma fila. O desenho não precisa necessariamente de uma definição temática, o primeiro da fila iniciará fazendo um desenho, e suas escolhas formais na construção imagética será um direcionamento compositivo para os demais. O traço será feito sobre uma folha de papel sulfite apoiada nas costas do segundo participante, atuando como "guia" do desenho e estabelecendo a primeira matriz. O desenho será realizado sem interrupções e, à medida que cada participante sentir o movimento do traço em suas costas, deverá reproduzi-lo na pessoa à sua frente, transmitindo-o como uma espécie de informação em cadeia, criando uma rede de comunicação visual. Ao final da atividade, todos os desenhos produzidos serão compartilhados em ordem, revelando o percurso da imagem ao longo do processo.

Esse exercício investiga a linguagem dos sentidos tendo a percepção tátil como resposta expressiva. Com isso, criamos uma comunicação, pontes de diálogo, aonde o desenho individual e coletivo coexistem, se conversam. Os resultados são bem surpreendentes.

Para diversificar o exercício, é interessante explorar alguns temas que direcionem a composição do desenho, e no final do exercício, seja possível comparar a pluralidade das formas e interpretações de cada um, mesmo partindo de uma escolha. Pode ser feito, por exemplo, a partir de peixes, flores, rostos humanos, chapéus, legumes, expressões faciais, objetos diversos, enfim.

E26_d*: DESENHANDO A PARTIR DA DESCRIÇÃO DE UM OBJETO

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Escolha temática:

Variação técnica: variação perceptiva (d)

Materiais: papel sulfite, lápis grafite 4B

Observações:

Este exercício deve ser feito coletivamente. Para a prática, é necessário um mediador que guie o grupo, descrevendo verbalmente um objeto, uma pessoa ou um cenário enquanto os participantes desenham. A descrição deve incluir características como forma, textura, tamanho, cores e detalhes específicos. Quanto mais informações forem fornecidas, maior será a riqueza da imaginação do objeto descrito. Vale reforçar que não há respostas certas ou erradas; o objetivo é compartilhar percepções e experiências pessoais.

Se a descrição for de uma pessoa, o mediador pode se descrever detalhadamente, abordando sua estatura física, o formato do corpo, as vestimentas, o tipo de cabelo e os traços faciais. Quanto mais detalhada for a descrição, mais elementos os participantes terão para interpretar visualmente.

Exemplo:

"Tenho um metro e meio de altura, estou vestindo uma calça preta larga, de cintura alta, e uma camisa branca com traços azuis. Uso dois anéis na mão direita: um no "maior de todos" e outro no polegar. Na mão esquerda, tenho outro anel no dedo médio e uma pulseira. Meus cabelos são curtos, meus olhos pequenos, minhas sobrancelhas de espessura média, meu nariz fino e minha boca tem lábios pequenos."

Se a descrição focar em um cenário, pode ser algo como:

"Do meu ponto de vista, à esquerda, vejo três quadros pequenos—dois sobre tela e um emoldurado em papel. À direita, há uma escultura de grande escala, e à minha frente, um painel repleto de fotografias. De longe, percebo que os quadros contêm figuras surrealistas com cores vibrantes, predominando tonalidades de azul. Ao me aproximar, noto que o primeiro quadro da parede esquerda apresenta um relevo sutil, que ressalta a imagem e destaca suas texturas. O conteúdo temático da obra não me provoca, mas suas texturas, sim. Se eu fosse descrever em um sentimento, diria que essa obra me provoca cócegas e que teria cheiro de pipoca doce. Aparentemente, a técnica utilizada é tinta acrílica."

A maneira como as descrições são conduzidas é muito particular e depende do que o mediador considera relevante compartilhar. Essa escolha influencia diretamente na interpretação visual de cada participante.

Esse exercício trabalha a autonomia e a interação, incentivando um olhar atento e uma escuta ativa. Aqui, o olhar do outro se torna um guia, exige confiar no outro, promovendo um deslocamento da visão individual para uma construção coletiva. Um único ponto de vista pode gerar múltiplas percepções e interpretações, tornando o processo enriquecedor. Além disso, é uma atividade flexível, podendo ser adaptada para diferentes espaços, temas e públicos.

Caso não haja um grupo grande, o exercício pode ser feito em dupla com um amigo. Recomendo começar com descrições de objetos simples, evoluindo para um conjunto de objetos, depois para pessoas e, por fim, para cenários, que exigem maior atenção aos detalhes.

Ao final da atividade, compare os desenhos entre si e perceba como cada um interpretou a mesma descrição de maneira diferente, com diversidades estilísticas. Reflitam sobre a experiência: Como foi descrever ou ouvir descrições? Isso alterou sua percepção do espaço? Algum detalhe despertou um novo interesse?

3.2 Rizomas

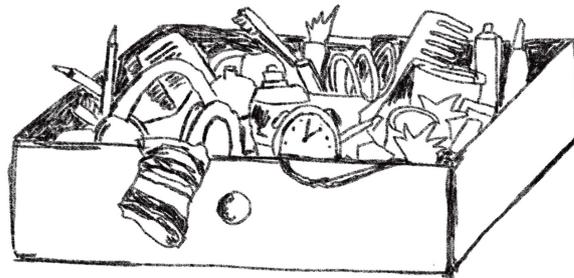
O desenho é rizomático, tem um caráter híbrido e possui uma natureza transitória em sua materialidade.

Frequentemente incorpora elementos de outras disciplinas artísticas, seja de caráter prática ou pedagógica, da Arquitetura, do Design e de outras áreas, como as ciências naturais e as engenharias, pertencendo a zonas híbridas que não se encaixam facilmente em categorias artísticas predefinidas. Essa transitoriedade renova continuamente a percepção do que é o desenho e quais são seus limites [...] Além disso, reafirmamos o caráter inerentemente interdisciplinar do desenho contemporâneo, cruzando fronteiras entre diferentes formas de arte e áreas do conhecimento. Ele pode se integrar com a escultura, a performance, a instalação e as artes digitais, criando obras que desafiam categorizações tradicionais (Moraes, Macalini, Moreira, 2024, p.02)

Podemos explorar essa característica para expandir as possibilidades de criação, experimentando fazer exercícios compostos, ou diversificando os materiais, ou investigando os contextos. Essa operação também não recusa o diálogo com outras linguagens artísticas, como a gravura, a pintura, a fotografia, a dança, a música... é um campo expandido.

4. RECURSOS ENERGÉTICOS

4.1 Coisário



Imagine uma 'gaveta da bagunça', ou uma "gaveta cheia de coisas". Da mesma forma, funciona um coisário, lugar de guardar coisas, mas não qualquer coisa, apenas coisas que inspiram, com o objetivo de explorá-las e investigar-las em processos criativos. Eu me refiro a "coisa" como objetos de estudo, que podem ser materiais ou não, como um objeto, uma ideia, uma imagem, um texto, uma música, um sentimento, uma experiência, enfim, qualquer coisa. Além disso, o coisário pode existir de forma física ou digital, pode ser um caderno, uma pasta no computador, uma caixa, um álbum, um mural, etc.

Coisário é um lugar para considerar coisas, criticar coisas, inventar coisas, desinventar coisas, brincar com coisas, impor coisas, expandir coisas, transformar coisas. As coisas que são armazenadas nesse lugar, não precisam ter uma lógica para serem guardadas, podem ser aleatórias, não precisam ter uma finalidade específica e imediata, podem viver ali por tempo indeterminado, podem conviver e se concentrarem com outras coisas, estando associadas à contextos, como "coisas do céu", "coisas da vida", "coisas da natureza", "coisas do mar", "coisas do jardim", "coisas do amor" e por aí vai. Darei um exemplo: coisas do céu. São coisas que estão relacionadas ao contexto "céu", como nuvens, chuva, sol, estrelas, planetas, universo, atmosfera, temperatura (frio, calor), clima, planetas, etc.

Pelo motivo do acúmulo, o coisário é um espaço de extrema flexibilidade, é como um elástico, à medida que você acumula coisas, ele cresce, e se expande, e nunca, nunca, o coisário deixará de ter espaço. Eu diria que um coisário cheio de coisas é um coisário rico, e um coisário vazio, é triste.

Constantemente absorvemos informações através das nossas experiências e isso se transforma em conteúdos vivenciais que ficam armazenados em nossa memória. "Nossa memória seria, portanto, uma memória não factual. Seria uma memória de vida vivida. Sempre com novas interligações e configurações, aberta às associações" (Ostrower, 2014, p.19). Sendo assim, com as lembranças bem guardadas, podemos sempre acessá-las e revisitá-

-las quando quisermos, seja por um motivo específico, como resolver um problema, reviver a sensação de um momento passado ou um devaneio.

Vamos considerar que absorvemos uma quantidade X de diferentes informações pela memória ao longo do tempo, em diferentes períodos da vida, como a infância, a juventude e a maturidade, e que essas informações estão abertas a interações entre si, sejam elas recíprocas ou não, boas ou ruins.

Para demonstrar meu raciocínio sobre isso, utilizarei alguns conceitos da matemática relacionados a operações com conjuntos, resgatando um pouco da minha vivência na engenharia, que até hoje me ajuda a organizar melhor minhas ideias e pensamentos. Em termos simples, um conjunto pode ser entendido como uma coleção bem definida de elementos, como números, letras ou símbolos. Essa definição envolve a ideia de pertinência: quando um elemento x pertence ao conjunto B , escrevemos $x \in B$ (x pertence a B). As operações entre conjuntos incluem a união, que reúne todos os elementos presentes em dois ou mais conjuntos; a interseção, que identifica os elementos comuns entre eles; a diferença, que consiste nos elementos que pertencem a um conjunto, mas não a outro; e o complemento, que considera os elementos que estão fora de um determinado conjunto, geralmente em relação a um universo de referência (Caiusca, 2019). Se você não entendeu nada sobre o que eu disse, ou odeia matemática, observe a ilustração ao lado, talvez fique mais claro:

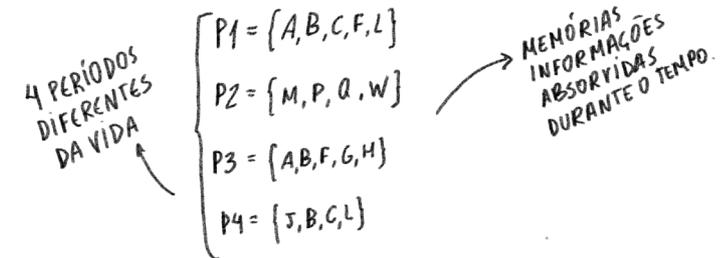
CONTEÚDOS VIVENCIAIS - MEMÓRIA
(ABSORÇÃO DE INFORMAÇÕES)

INFORMAÇÕES = {A, B, C, D, E, F, G, H...}

PERÍODO DE TEMPO = {1, 2, 3, 4, 5, 6...}

↳ DIA / MÊS / ANO

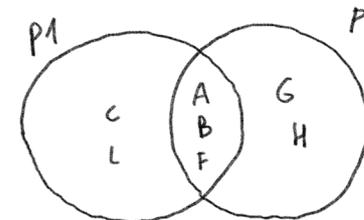
INFÂNCIA / JUVENTUDE / MATURIDADE...



$P1 \cup P3 = \{A, B, C, D, F, G, H, L\}$
 $P2 \cup P4 = \{B, C, J, L, M, P, Q, W\}$
 $P1 \cap P3 = \{A, B, F\}$

CONJUNTO DE ASSOCIAÇÕES COMBINAÇÕES

U = UNIÃO \cap = INTERSECÇÃO



Para destacar a função determinante das nossas experiências e conteúdos vivenciais nos processos criativos, é importante reconhecer que ao interagirmos coisas em nossos pensamentos, temos a oportunidade de criar uma rede de conexões entre diferentes informações:

Evocando um ontem e projetando-o sobre o amanhã, o homem dispõe em sua memória de um instrumental para, a tempos vários, integrar experiências já feitas com novas experiências que pretende fazer [...]. Dessa forma, acompanhamos a interpenetração da memória no poder imaginativo do homem e, simultaneamente, em linguagens simbólicas. A consciência se amplia para as mais complexas formas de inteligências associativa, empreendendo seus voos através de espaços em crescente desdobramento, pelos múltiplos e concomitantes passados-presentes-futuros que se mobilizam em cada uma de nossas vivências (Ostrower, 2014, p.18-19).

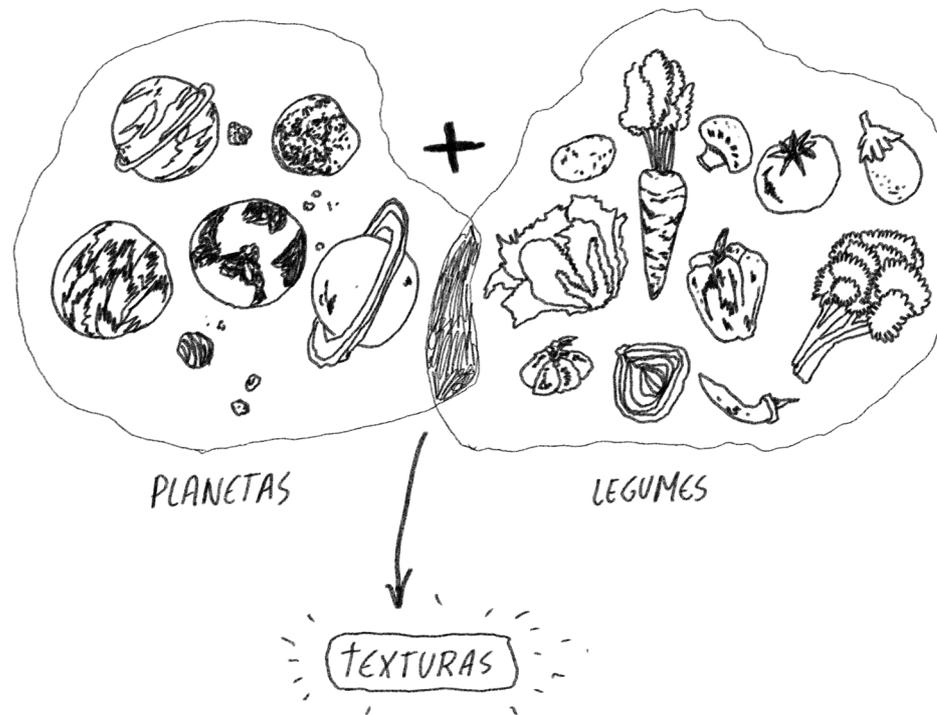
Como consequência, a nossa imaginação floresce quando interagimos ideias e sentimentos, o estímulo às possíveis combinações contribui para pensamentos, hipóteses e ações do que seria possível realizar em nossas intenções e experiências, e nesse processo, a criatividade cresce e se reabastece: O que dá amplitude à imaginação é a nossa capacidade de perfazer uma série de atuações, associar objetos e eventos, poder manipulá-los, tudo mentalmente, sem precisar de sua presença física (Ostrower, 2014, p.20).

Por outro lado, existe a questão do espaço e do tempo: qual a diferença entre um coisário e uma gaveta da bagunça? Ou uma simples pasta no computador? São finalidades diferentes, o coisário não é lugar de fazer bagunça, nem de aglomerar coisas, mas sim de guardá-las e protegê-las, não de abandoná-las. O coisário, assim como a memória, existe para evitar que as coisas se percam, se desgastem e sejam esquecidas ou ignoradas ao longo do tempo, a ideia do coisário é para que sempre possamos visitá-lo, nutri-lo, mantê-lo ativo, para dar luz à novas ideias e novos projetos.

O conhecimento deve ser permanentemente revisitado e revisado pelo pensamento; o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. Aprender a conhecer, ou seja, a separar e unir, analisar e sintetizar, ao mesmo tempo (Morin, 1990, p.18).

Como bem mencionei no primeiro parágrafo desse subcapítulo, é fundamental que as coisas que forem guardadas sejam coisas que inspiram, portanto, isso implica dizer que para ser destinado ao coisário, todo conteúdo deve ser avaliado, ordenado, selecionado, com hierarquias e prioridades com base em seu significado afetivo. Um exemplo prático:

O que planetas e legumes têm em comum?



Dois mundos aparentemente distintos, podem fazer parte de um mesmo universo? Para ampliar e intensificar a funcionalidade do coisário, um bom exercício para estimular a imaginação e a criatividade é pensar sobre possíveis conexões entre duas ou mais coisas. Não é preciso que as coisas possuam abrangências recíprocas, nem se tornem componentes expressivos, elas podem se repelir ou interagirem harmonicamente.

Pois bem, eu gosto muito de verduras e legumes, não somente seus sabores, mas também da estética visual das suas formas, cores e texturas. Adicionado a isso, também gosto da estética visual e do funcionamento dos planetas, que também são compostos por formas, cores e texturas muito atraentes. No desenho, minha verdadeira paixão são pequenos detalhes, e boa parte deles são construídos a partir de texturas, uma coisa que planetas e legumes tem muito em comum, certo?

Podemos sentir as verduras na palma da mão, assim como podemos sentir as texturas dos solos do nosso

planeta, e como seria o de outros?. Podemos sentir o cheiro das verduras, mas como seria sentir o cheiro de outro planeta? e como é o do nosso? como nós caminhamos aqui e como seria caminhar por outros solos planetários?, há várias situações que podemos exercitar para imaginá-las: será que existem verduras em outros planetas? que cores e formatos elas teriam? será que tem um planeta com gostinho de alho e cebola? ou solo de alface? rios de extrato de tomate ou verduras com textura de marte?

Investigando as coisas e se questionado sobre seus comportamentos, condições de existência, características poéticas ou aparências sensoriais, é possível cultivar integrações de conhecimentos, estimular a imaginação, nutrir a criatividade, incentivar atos expressivos, sem precisar necessariamente da sua presença física, e isso são ponto de conexão, independe dessa conexão ser fruto de contradições e antagonismos.

Desenhar pra mim envolve mais do que o exercício prático, é possível expandir o processo criativo com atividades simples do dia a dia, brincadeiras, leituras, desde que tenhamos um olhar atento para o cotidiano e a maneira como nos relacionamos com o mundo a nossa volta. Algumas imagens nunca se tornam reais sobre uma folha de papel, ficam no devaneio, e desenhar também faz parte disso.

Agora que você sabe o que é, como funciona, e para que serve o coisário, compartilharei as coisas que me inspiraram a criá-lo. Eu tenho dois grandes amantes de organização na família: minha mãe e meu irmão (para quem acredita em astrologia, são dois virginianos), e por conta disso, também me tornei amante de organização e planejamento, e hoje em dia utilizo alguns métodos de organização para minha vida, e um deles, o meu preferido, se chama "Bullet Journal", que foi desenvolvido pelo austríaco Ryder Carroll. O método do Bullet funciona como um sistema de produtividade, e esse sistema é composto por ferramentas para capturar e organizar nossas ideias e pensamentos, registrando tarefas, eventos e notas de forma simplificada e personalizável, com o objetivo de melhorar a gestão de tempo do nosso dia a dia, eliminando distrações, concentrando no presente e equilibrando diferentes áreas da vida (Carroll, 2018). Ryder ressalta em seu livro "o método bullet journal" em como é importante esvaziar a mente registrando pensamentos, para que se possa abordá-los futuramente com objetividade, e para que eles não se percam ou sejam esquecidos:

Perde-se tempo deliberando onde se deve colocar determinada informação e tentando localizá-las depois. Será que você escreveu no bloco de notas do celular ou em um post-it? E onde foi parar esse post-it? [...] Muitas grandes ideias, pensamentos "para guardar" ou lembretes importantes foram vítimas de um pedaço de papel perdido ou de um aplicativo desatualizado (Carroll, 2018, p.28)

A criatividade e a imaginação não sobrevivem em uma mente sobrecarregada. "A missão do Bullet é a ajudar a ter mais consciência de como empregamos os dois recursos mais valiosos que temos na vida: nosso tempo e nos-

sa energia" (Carroll, 2018, p.29).

A escrita desse subcapítulo foi manuscrita em uma folha simples de papel sulfite, enquanto eu fazia o almoço no verão de 2024, inspirada por um pequeno trecho da página 17, do livro "Tremores", de Jorge Larrosa:

Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar palavras, eleger palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocias ou vazias, não são meros palavratório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (Larrossa, 2016, p.17)

Se eu não tivesse escrito, correria o risco de deixar passar minhas ideias, meus devaneios, e perderia a oportunidade de num futuro, questioná-los, revisitá-los, reescrevê-los e transformá-los. Percebe? essa é a função do coisário, e sem ele, dificilmente eu escreveria esse trabalho.

Originalmente, o coisário é uma ferramenta que criei em 2022 e compartilhei virtualmente em minha rede social do Instagram, com o objetivo de compartilhar coisas que me inspiram e influenciam minhas produções artísticas e educativas, além de abrir espaço para que outras pessoas também pudessem compartilhar suas inspirações e assim, cultivar uma grande rede de conexões. Fica aqui o convite. Acesse aqui o link da minha primeira postagem sobre o coisário na minha rede social do Instagram:



4.2 Hábitos que mudam

Pensando em **fortalecer** nossa relação com o desenho, com a vida e com a natureza, tenhamos hábitos!

Ter um olhar atento

Você já prestou atenção na textura da pele? Já percebeu as formas das nuvens? A variedade dos tipos de folhas? As cores dos animais? As expressões do rosto? Já notou a dimensão dos detalhes que estão diante de nós?

E quanto aos sons? Já ouviu atentamente o barulho de uma cachoeira? O ruído do trânsito? Já mergulhou na água salgada? Cravou a ponta dos dedos na textura da areia? Já gritou muito alto? Dançou no escuro? Tirou um cochilo no fim da tarde? Preparou uma comida saborosa? Levou um susto? Recebeu um abraço apertado? Sentiu a adrenalina de viver algo pela primeira vez ou o medo de tomar uma decisão importante?

Todas essas percepções são nutrientes para a criatividade e a imaginação. Quando reconhecemos isso, podemos nos dedicar a investigar as emoções e os sentimentos que surgem durante nossas experiências de vida. De certo modo, quando desenhamos de observação, ligamos nosso foco de luz em vários momentos, cobertos por uma ação maior que envolve a atenção no objeto a ser representado (Silva, 2024, p.22).

Nesse sentido, é essencial buscarmos exercícios de percepção que promovam uma conexão entre o que vivemos e o que podemos criar a partir dessas vivências. No desenho, por exemplo, isso pode ser explorado de diversas maneiras:

Expressão emocional: o exercício (03) desenhando com o lápis agarrado na mão, usando a força para marcar o papel com traços intensos pode ser um recurso expressivo para sentimentos como raiva ou frustração.

Exploração sensorial: o exercício (19) desenhando a partir de sabores, trabalhando diferentes texturas no desenho para representar sensações táteis ou gustativas, como um traço suave para um sabor doce ou um traço áspero para algo amargo.

Reflexão sobre desafios: exercício (06) desenhando com superfícies irregulares, pode simbolizar desafios e processos de construção.

Esses são exemplos de possíveis pontes entre nossas experiências criativas e nossas vivências diárias. Naturalmente, estabelecemos essas conexões, seja de forma consciente ou inconsciente. No entanto, ao nos propormos a investigar nossas percepções, enriquecemos esse processo. Afinal, a maneira como percebemos o mundo influencia diretamente a forma como encaramos o desenho e outras formas de criação.

Desenho como espelho

O desenho para mim se revela como uma imagem no espelho, e quando tomo consciência da minha intimidade, percorro entre as luzes e as sombras, desperta em mim um mistério, e me permito sonhar profundamente pelas fantasias. Com ele, eu significo e ressignifico qualquer emoção, pois ele é antes uma perspectiva de transformação, uma voz real da natureza que vive em mim, é o meu idioma. Desenhando, me distancio do mundo, para me aproximar de um novo só meu, por isso ele é tão poderoso, é o materialismo orgânico da fisionomia do sentimento.

É possível desenhar para se conhecer:

Existe uma diferença entre o que aprendemos através da nossa própria experiência e aquilo que nos ensinam que deve ser a nossa vivência. Considerando esse fato, junto com a compreensão de que é no presente que operam as mudanças, nos tornamos capazes de olhar para a nossa produção sem temer. Em minha trajetória, escolhi o desenho como ferramenta para elaborar, para além de meu trabalho, muito do que eu entendo como liberdade. Desenhando, eu exercito o livre trânsito de ideias, sem criar barreiras depreciativas que travam o fluxo de minha vida.

Percebo que parte do medo que nos rodeia é a possibilidade de não cumprirmos a expectativa alheia que ressoa em nós e, quando isso ocorre, emitimos juízos severos para as nossas ações ou abandonamos o trabalho. Costumamos nos comprometer a perpetuar uma verdade que muitas vezes sequer perguntamos de onde veio ou quem criou. Quando vejo a nossa expectativa se frustrar ao produzirmos (e costuma doer, né?), enxergo também o potente convite para nos alinharmos com nossa humanidade (Obsteiner, 2021).]

Vou dar um exemplo: sou uma pessoa muitoooooo impaciente e estressadinha, mas, quando desenho, me transformo. Tenho uma paixão por detalhes, e para construí-los é preciso respeitar o tempo, exercitar a paciência. Além disso, sou muito perfeccionista e sempre quero fazer tudo bem-feito, o que torna difícil aceitar os erros. No entanto, o desenho me ensinou que as maiores descobertas surgem justamente na incerteza, nas imperfeições. Por isso, desenhar pode ser um exercício poderoso para nos tornarmos pessoas melhores e aprendermos a lidar com nossas emoções.

4.3 Mecanismos de sobrevivência

Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior do que o mundo. Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos como as boas moscas. Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática. Só uso a palavra para compor meus silêncios (Barros, 2003, p.34).

A todo momento, estive folheando minha história de vida para construir uma imaginação sobre minha natureza criativa. Essas experiências, que para mim foram e continuam sendo tão frutíferas, presentes e valiosas, não apenas como riqueza profissional, mas, principalmente, como riqueza humana e espiritual. O desenho faz parte disso porque é o que me sustenta e fortalece minha humanidade; é a morada de todo sentimento, e, por isso, é transformador.

“O mundo está se acabando”, e o que posso fazer diante disso? Estou plantando uma semente, defendendo, com muita ambição e esperança, a ideia de que o desenho pode ser um recurso de mudança social e cultural, uma ferramenta de poder, pois nos permite reconhecer, preservar e respeitar nossas naturezas mais íntimas em conexão com o mundo.

Se isso basta? com certeza não.

Mas é o melhor que posso fazer hoje, agora. E disso tudo, só tenho uma certeza: a arte sempre será um modo de resistência.

Trata-se de uma provocação acerca do egoísmo: eu não vou me salvar sozinho de nada, estamos todos enrascados. E, quando eu percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas. É dessa afetação pelos outros que pode sair uma outra compreensão sobre a vida na Terra (Krenak, 2020, p. 56).

NUTRIENTES

- Arnheim, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**: Uma Psicologia da Visão Criadora. Tradução Ivone Terezinha de Faria. 10º Ed. São Paulo: Pioneira, 1996.
- Bachelard, Gaston. **A Água e os Sonhos**: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria. 3º Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- Bachelard, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- Barros, Beatriz. **O máximo do mínimo e o mínimo do máximo**: ferramentas alternativas para criação no desenho e na pintura. Projeto de iniciação Científica (Artes visuais). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2023.
- Barros, Beatriz. Campos, João. **Seres**: preparando o solo. 1ª Ed. Recife: [s.n.], 2022.
- Barros, Manoel. **O guardador de águas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006
- Barros, Manoel. **Retrato do artista quando coisa**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022
- Barros, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- Barros, Manoel. **Memórias inventadas**: a Infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- Basbaum, Ricardo. **Diferenças entre nós e eles**. In: Entre lugares: arte e pensamento. Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, 2005a. Disponível em: <<https://bit.ly/3kV4LsA>>. Acesso em: 20 set. 2024
- Caiusca, Alana. Educa mais Brasil. 2019 Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/matematica/operacoes-com-conjuntos>>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- Carroll, Ryder. **O método bullet journal**: registre o passado, organize o presente, planeje o futuro. Tradução Flávia Souto Maior. 1ªed. São Paulo: Fontanar, 2018.
- Da Silva, Cláudia. No infinitivo olhar para o mundo, Desenho. **Cartema**, [S. l.], v. 14, n. 14, 2024. DOI: 10.51359/2763-8693.2024.262760. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/CARTEMA/article/view/262760>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- Dewey, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010
- Freire, Paulo. (1996). **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra.
- Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013
- Gleick, James. **A informação**: uma história, uma teoria, uma enxurrada. Tradução Augusto Calil. 1ª ed São Paulo: Companhia das letras, 2013.
- Hernández, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- Larrossa, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi.1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Morin, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

Obsteiner, Helena. **Aula aberta**: Observação expandida. 2023. Notas de aula. Não paginado.

Ostrower, Fayga. **Acasos e criação artística**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

Ostrower, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 30º Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Píccollo Estevão, Isabella Maria. Cadeiras: desenho, gesto e experiência. **Cartema**, [S. l.], v. 14, n. 14, 2024. DOI: 10.51359/2763-8693.2024.260496. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/CARTEMA/article/view/260496>. Acesso em: 10 nov. 2024.

Read, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. 1ª Ed. Coleção A. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Richter, Ivone. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. 2000. 248p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1589698>. Acesso em: 22 ago. 2024.

que é prateado
o desenho



